

# Nietzsche na Espanha\*

Marco Parmeggiani\*\*

Fernando Fava\*\*\*

**Resumo:** O artigo visa a retrair a recepção da filosofia de Nietzsche na Espanha, em particular a partir da década de 1970. Tem assim como foco, de um lado, o momento inicial em que a pesquisa científica acadêmica sobre o pensamento nietzschiano se instaurou sobretudo na Universidade espanhola e, de outro lado, os atuais desdobramentos desta pesquisa até os nossos dias.

**Palavras-chave:** Nietzsche – Espanha – recepção – “história crítica”.

A recepção de Nietzsche na Espanha tem sido, desde o início do século XX, muito peculiar e intensa. Diferentemente de outros países, quase não houve recepção acadêmica até os anos 70, quando a universidade e diversos círculos acadêmicos começaram a estudar a sua obra a partir da perspectiva científica da história da filosofia. Nem por isso a recepção e absorção do pensamento nietzschiano foram menos intensas; mas poderíamos dizer, inclusive, o contrário, caso atentemos para o fato de que a recepção não se dava sob o ponto de vista objetivista e “desinteressado” da ciência acadêmica, mas sob aquele abertamente comprometido e envolto pela criação literária ou filosófica. O imprescindível livro de Sobejano<sup>1</sup> mostra

---

\* Tradução de Luís Rubira e Wagner França.

\*\* Professor da Universidade de Málaga, Espanha, e membro do SEDEN (Sociedade espanhola de Estudos sobre Nietzsche).

\*\*\* Professor da Universidade Católica de Santa Fé, Argentina.

<sup>1</sup> SOBREJANO, G. *Nietzsche en España*. Madrid: Gredos, 1967, reeditado em 2009.

perfeitamente a intensa utilização do pensamento nietzschiano, que numerosos autores literários e filosóficos espanhóis fizeram, embora na maioria das vezes de uma maneira dissimulada e disfarçada, ainda que não menos efetiva. Assim, nos autores da Geração de 98, como Unamuno, Azorín e Machado, e os novecentistas como Ortega y Gasset e Eugenio D'Ors; na geração de 27, etc. Mesmo em autores “acadêmicos”, que chegaram a representar momentos de autoridade intelectual na universidade espanhola, como Ortega y Gasset<sup>2</sup>, a assimilação de Nietzsche somente chegou até suas atividades acadêmicas de maneira sub-reptícia, mas nunca como tema de publicação. Ou seja, se tornamos agudo o nosso olhar, nessa carência de recepção acadêmica, podemos descobrir, ao invés de um aspecto negativo, um aspecto positivo da cultura espanhola: Nietzsche foi entendido, desde o primeiro momento e durante várias décadas, de maneira completamente vitalista, isto é, desde a pura dimensão existencial da atividade criadora e do interrogar que questiona a raiz de todas as dimensões da experiência pessoal, da cultura e da natureza. Mais que em nenhum outro lugar, nunca pôde ser objeto de estudo acadêmico por causa do excessivo zelo em entendê-lo como um vitalista ou existencialista radical, no qual todos os pensamentos somente adquirem e permanecem imbuídos de sentido enquanto sigam ligados à existência única e singular do indivíduo.

A este elemento acrescenta-se o da censura na época do franquismo, e sua inclusão na lista de livros “não recomendados” por parte da Igreja Católica. Por isso, os incílios dos estudos nietzschianos coincidem, na Espanha, com o afrouxamento da censura no fim do período franquista; de certo modo, deu um toque característico

---

<sup>2</sup> Já o primeiro ensaio de Ortega y Gasset, *La rebelión de las masas*, constitui um admirável desenvolvimento, atual e inovador, de várias ideias nietzschianas acerca do “rebanho” e das “elites”.

a essa época tão carente de renovação, de novos ares, da transição espanhola à democracia.

O objetivo deste trabalho é fazer uma “história da crítica” dos estudos nietzschianos na Espanha, a partir da década de setenta. Tendo presente duas diretrizes: por um lado, o foco nos estudos das obras que de modo “científico” se ocuparam em analisar e interpretar o pensamento nietzschiano, deixando de lado as influências ou a utilização de Nietzsche por criadores literários ou filosóficos; por outro lado, a começar com a década de setenta, pois o período anterior se encontra perfeitamente resumido e analisado no livro de Sobejano, enquanto que o período posterior somente foi objeto de bibliografias e não de um estudo completo. O ressurgimento e a disseminação dos estudos nietzschianos foram suficientemente importantes para oferecer ao estudioso um material de estudo muito extenso e variado, o qual é muito difícil de ser revisado atentamente no estreito limite de um capítulo de livro.

*1. Ressurgimento do interesse por Nietzsche nos últimos anos do franquismo (década de 1970).*

O livro coletivo *En Favor de Nietzsche*<sup>3</sup> representou, no fim do franquismo, o ressurgimento público de um autor condenado pela ortodoxia pseudo-religiosa do regime. Já pelo título, aparecia este livro sugerindo que se tratava, na verdade, de um manifesto a favor de certa maneira de entender o pensamento e a vida, que para isso necessita romper proibições, tabus e maldições. No livro

---

<sup>3</sup> TRÍAS, E., SAVATER, F., NORIEGA, S. G., FERNÁNDEZ-FLOREZ, P. GONZÁLEZ, A., BARCE, R., ECHEVERRÍA, J., SÁNCHEZ PASCUAL, A. (orgs.). *En favor de Nietzsche*. Madrid: Taurus, 1972.

destacaremos, pela importância que vieram a ter posteriormente, os trabalhos de Eugenio Trías, Fernando Savater, Ramón Barce e Andrés Sánchez Pascual.

O estudo de Eugenio Trías<sup>4</sup> oferecia uma primeira aproximação original ao filosofar empregado por Nietzsche ao longo de sua vida. Visto com a perspectiva de trinta anos, o trabalho mostra a influência da filosofia francesa da diferença, sobretudo da obra de Deleuze, da qual Trías tomou alguns conceitos, ideias e referências, mas para reutilizá-los de forma distinta e pessoal. O estudo de Trías já possuía as características de suas obras posteriores, de modo que era mais ensaístico e intuitivo do que acadêmico e analítico. Mas colocava na mesa uma série de pontos cruciais do pensamento nietzschiano. Em primeiro lugar, para caracterizar o método nietzschiano Trías se preocupou em determinar o objetivo polêmico contra o qual estava dirigido: o sistema, que Trías reinterpretava e iluminava mediante o conceito de “discurso”. Por isso começava o estudo com algumas observações pontuais sobre o sistema kantiano da razão pura, colocando a descoberto as zonas de vazio, os silêncios, que o “discurso” tentava “cobrir” mediante remendos, e que a crítica pretendia trazer à luz com seu trabalho de escavação. O método nietzschiano é, portanto, em primeiro lugar, um método crítico, como havia sido o kantiano, mas cujo objetivo, ao contrário deste, não era construir um sistema transcendental, mas sim o de pôr em questão todo o sistema. Em segundo lugar, o método crítico nietzschiano difere do kantiano na medida em que este persiste em manter-se sempre ao nível do discurso, evitando a todo o momento sair dele, enquanto que o método nietzschiano busca remeter o discurso a aquilo que o ultrapassa e que aflora nos interstícios de suas brechas, de seus silêncios: os acontecimentos. Retomando uma ideia de Deleuze,

---

<sup>4</sup> TRÍAS, E. “De nobis ipsis silemus”. In: *En Favor de Nietzsche, op. cit.*, p. 9-34.

Trías acredita ver no “modo de perguntar” a peculiaridade do método nietzschiano: passar da pergunta o “quê”, para a pergunta “quem”. O “quem” remete aos acontecimentos que permeiam e fundam o discurso, mas que o discurso tenta cobrir com remendos a cada momento. Trías mostrou muito bem como, para poder desenvolver esse perguntar, era necessário a Nietzsche que seu método fizesse da dêitica seu elemento último. Não se tratava ainda, como no discurso, de desenvolver formas e enquadrá-las na realidade, mas sim de conduzir o pensamento até o limite no qual, deiticamente, assinala-se aquilo que o excede: os acontecimentos.

Finalmente, o método nietzschiano consegue re-introduzir os acontecimentos mediante um procedimento de representação. Deste modo, Trías propõe interpretar a ambigüidade do estilo nietzschiano, que tantos problemas têm causado aos intérpretes, devido às suas metáforas e fragmentação, como consequência de uma representação do pensamento, que através de personagens, paisagens e afetos, tenta transbordar o discurso filosófico em todas as suas margens. A hipótese da representação pretende deixar patente que o estilo não é, em Nietzsche, uma roupagem para o pensamento, mas sim a maneira mais efetiva de trabalhá-lo internamente.

O trabalho de Savater<sup>5</sup> supôs uma antecipação, belamente resumida, de sua posterior obra sobre Nietzsche, assim como a apresentação pública de um pensador dotado de uma capacidade nada habitual para a expressão direta e original, despojada de todo o medo de causar polêmica. Esta insufla um renovado vigor ao pensamento que, através dela, é transmitido. Savater também afrontava, de certo modo, o problema hermenêutico do estilo nietzschiano, posto que a forma que adota este seu primeiro resumo do pensamento de

---

<sup>5</sup> SAVATER, F. “Cincuenta palabras de Federico Nietzsche”. In: *En favor de Nietzsche*, op. cit., 133-176.

Nietzsche responde às dificuldades já mencionadas. Se uma das grandes dificuldades na interpretação e exposição do pensamento nietzschiano é a linguagem, a maneira mais adequada de aproximar-se dele, em uma primeira tentativa, é fazer um percurso por suas principais expressões, por ordem simplesmente alfabética, buscando não somente analisar o conceito, mas destacar as principais ideias e conexões, muitas vezes as mais perturbadoras e polêmicas, contidas nessas expressões. O acerto de Savater está em evitar a ambigüidade ou equívoco que tornam tão cômodo o pensamento nietzschiano, mas conservando, ao mesmo tempo, o livre jogo de sentidos de sua linguagem trópica. Parece que naqueles anos do fim da ditadura, Savater queria oferecer, mais do que um trabalho acadêmico de história da filosofia, um manual nietzschiano de luta ideológico-política. Um manual no sentido foucaultiano, como uma caixa de ferramentas, configurada ao modo de um catálogo ordenado no qual o leitor pudesse encontrar rapidamente, conforme a necessidade do momento, a ferramenta mais adequada. E não para seguir avançando no conhecimento crítico-historiográfico do autor, mas sim para a resistência ativa frente às codificações ideológicas. Daí se entende a carência no texto de quase todo o aparato erudito, até o ponto de não oferecer a referência detalhada dos textos nietzschianos que aparecem citados abaixo de cada expressão.

O trabalho de Ramón Barce<sup>6</sup> possui um interesse de destaque. Primeiro por quem é o seu autor: um dos compositores espanhóis mais importantes da segunda metade do século XX, profundo analista de estética musical e de questões históricas e teóricas da música. Em segundo lugar, porque graças a essas bases, é um dos poucos trabalhos, ainda hoje em dia, que discute a estética musical de Nietzs-

---

<sup>6</sup> BARCE, R. "Cuestiones musicales a cien años de distancia". In: *En favor de Nietzsche*, op.cit., p. 133-176.

che desde a perspectiva estritamente da música, confrontando-a com a história da música e suas formas, aquela anterior e também posterior a Nietzsche, com a perspectiva dos desenvolvimentos do século XX, com as quais o autor, tal como o fez Nietzsche em sua época, sente-se comprometido.

Ao final do livro, Sánchez Pascual oferecia ao leitor<sup>7</sup> a primeira tradução espanhola das principais poesias de Nietzsche, segundo o texto crítico da edição Colli-Montinari. Esta tradução vinha acompanhada de uma análise crítico-estilística que, pela primeira vez, mostrava uma imagem muito mais protéica de Nietzsche.

Poucos anos depois, a obra que Savater<sup>8</sup> dedicou ao filósofo alemão, acabou por se converter em um clássico, desde o momento de sua aparição; ela conseguia reunir a vida e obra de Nietzsche de maneira clara, simples e sugestiva. Uma proposta de leitura que introduz o público hispânico nas intempestivas problemáticas nietzschianas, aspirando, por sua vez, a elucidar quais deveriam ser as características de uma autêntica existência filosófica nos tempos modernos. Uma proposta de leitura que não renuncia à paixão, nem pretende edificar-se sobre qualquer rígido *columbarium* objetivista. Vital, apela mais para a intimidade do leitor do que para sua cultura ou entendimento.

De caráter e formato para divulgação<sup>9</sup>, a obra é construída a partir do conhecimento da bibliografia da época, explicitando e

---

<sup>7</sup> SÁNCHEZ PASCUAL, A. “Las poesías de Nietzsche”. In: *En favor de Nietzsche*, *op.cit.*, p. 201-244.

<sup>8</sup> SAVATER, F. *Conocer a Nietzsche y su obra*. Barcelona: Dopesa, 1977, reeditado e bastante ampliado em Barcelona: Ariel, 2001.

<sup>9</sup> Este livro, que prolongava as intenções pedagógico-divulgativas da obra de Nietzsche, foi levado a cabo pelo autor na antologia de textos *Friedrich Nietzsche: Inventario* (Madri: Taurus, 1973), a qual agrupa diversos textos, segundo amplos critérios, com quase exclusiva atenção ao gosto pessoal e sem pretender sistematizá-lo. Resgatando

orientando o leitor na problemática das diversas traduções<sup>10</sup> dos escritos nietzschianos, e assinalando os principais comentadores traduzidos para o espanhol.

Advertindo, explicitamente, a força intempestiva dos enfoques de Nietzsche para o leitor receptivo, e sem pretensão de aplanar nem predicar o pensamento nietzschiano, vão se recorrendo aos antecedentes intelectuais e as principais obras do autor alemão à luz de sugestivas notas biográficas. Assim, o texto penetra gradualmente no que poderíamos chamar de a problemática clássica nietzschiana: “a morte de Deus”, “a vontade de potência”, “o eterno retorno”, “o além-do-homem” e o “ideal cristão”, desde uma metodologia que consiste em contextualizar cada problema explicitando seus antecedentes histórico-conceituais para, em seguida, mostrar as originais contribuições nietzschianas e apontar suas derivações no terreno epistemológico, lingüístico, político-social ou religioso.

---

aqueles fragmentos que mais tinham *ajudado* pessoalmente o autor e sublinhando como o essencial de sua leitura a provocação, se leva a termo uma seleção de texto mediada pela leitura da recepção francesa da obra de Nietzsche (Cioran, Granier, Bataille, Deleuze, Foucault, Klossowski). Apresenta-se como uma filosofia produto dos humores, como uma soma de atitudes de escassa pretensão filológico-histórica: “não podemos levantar a leitura essencial de Nietzsche desde si mesmo, *mas sim a partir de nós*. Em nossos dias, Nietzsche aparece entre nós como um catalizador das perplexidades que são causa de nossas obsessões; com uma fascinação equívoca nos atrai e nos repele, nos rebaixa e nos exalta; soterra-nos, causa-nos indignação, mas sempre nos *interessa*” (*ibid.* p. 11). Com referência à recepção acadêmica da obra nietzschiana o autor observa que, embora Nietzsche figure nos manuais de maneira breve, seu caráter intempestivo o impossibilitaria de entrar na academia (*cf. ibid.* p. 13).

<sup>10</sup> O autor constrói o texto tanto a partir das *Obras completas*, em cinco tomos, traduzidas por E. Ovejero e Maury, como das traduções de Andrés Sánchez Pascual, (*Ecce Homo, La genealogia de la moral, El nacimiento de la tragédia, Más allá del bien y del mal, Así habló Zaratustra, El Anticristo, El crepúsculo de los ídolos*), segundo a edição crítica Colli e Montinari.



Desse modo, assistimos aos primeiros intentos de difusão do pensamento nietzschiano desde a Espanha, a um exercício de filosofia prática a partir de tais aportes e apoiado nos textos do autor.

## 2. *Difusão dos estudos nietzschianos (década dos anos de 1980).*

A heterodoxa personalidade do pensador alemão, a quase impossível sistematização de seus escritos e a novidade de sua transvaloração de todos os valores, principalmente imperceptível e não compreendida por muitos, tinham justificado amplamente os corajosos esforços de Savater por introduzir, apresentar e oferecer as primeiras ferramentas adequadas para a abordagem de uma obra atípica em tempos desfavoráveis. Vontade que se vê solidificada em 1986, graças aos esclarecedores aportes de Remédios Ávila Crespo, dados a conhecer com a publicação de *Nietzsche y la redención del azar*<sup>11</sup>, desde a qual se estabelecem os primeiros delineamentos para uma recepção acadêmica gradual e progressiva da obra de Nietzsche.

Apresenta-se, assim, o itinerário de uma filosofia que parte de uma consideração da vida sob categorias fundamentalmente estéticas, com a caracterização da concepção trágica do povo grego, até a proposta da ação comprometida que se explicita com base no conceito de *vontade de potência*. Roteiro que, por sua vez, desenvolve seu próprio e original método – a genealogia –, o qual permitirá a Nietzsche não somente construir a crítica ao sistema de valores propostos em sua época, mas também submeter à análise o seu próprio. Este método, que está latente na elaboração de suas primeiras obras, e que irá sendo constituído, paulatinamente, a partir de sua

---

<sup>11</sup> ÁVILA CRESPO, R. *Nietzsche y la redención del azar*. Granada: Universidad de Granada, 1986.

concepção do “positivismo” e de sua peculiar maneira de entender a “psicologia”. Assim, mediante esse procedimento se distanciará progressivamente do paradigma schopenhaueriano do “mundo como vontade e representação”, substituindo-o pelo propósito de ater-se única e exclusivamente ao fenomênico, ao “positivo”, e pela desconfiança em todo juízo de valor estabelecido e aceito, na certeza de que neles se pode escrutinar “psicologicamente” as peculiaridades daqueles que os subscrevem, suas intenções e temores; e não mais num fundamento transmundano.

Ávila Crespo inicia uma linha investigativa cuja proposta metodológica e a elucidação conceitual serão continuamente referenciadas pelos diferentes estudiosos da obra do filósofo alemão. Dando por assentada a vigência ou a atualidade do pensamento nietzschiano na Espanha, ela supera a exposição propedêutica, e convida ao compromisso de desenvolvimento do trabalho acadêmico da especialização.

Neste caso, a elucidação do conceito de trágico permitirá estabelecer as chaves de interpretação de um conceito importante na obra de Nietzsche, que tem sua origem no *Nascimento da tragédia* e permanece quase inalterado durante a sua obra, tal como adverte o próprio Nietzsche em várias ocasiões, e que se relaciona estreitamente com o conceito de vontade de potência, incorporado à sua filosofia na obra mais transpassada pelo *pathos* trágico, e que marca, também, a maturidade de seu pensamento: *Assim falava Zaratustra*. Entre estas duas obras ou etapas do pensamento nietzschiano se constrói o original empreendimento da transvaloração, que vai da reflexão à ação, da teoria à prática, da preocupação estética à proposta ética, e vice-versa. Etapa que estará mediada pela destruição de alguns valores, cuja validade essencial vem dada pela figura de Sócrates, o cristianismo e a cultura alemã. Pontos de referência cuja evolução e decadência marcaram o ritmo da configuração e do desenvolvimento do trágico.

A lúcida mensagem da transvaloração, posta na boca do Zaratus-tra, delineará as características principais de uma nova ótica perspectivista com respeito a Deus, ao mundo e ao tempo; possibilitará a emancipação do homem, sua fidelidade à terra e a reconciliação do acaso com o destino, a necessidade e a liberdade.

No final dos anos oitenta, a figura de Nietzsche goza de uma grande difusão mundial. Na Espanha, sua leitura se impõe em todas as partes e quase sempre com os mesmos acentos apaixonados, a favor ou contra, que ela suscita nas mais diferentes latitudes. Mas nem sempre essas leituras são minuciosas, formais e honestas; em certas ocasiões, essas leituras se limitam a refletir as interpretações forçadas dos diferentes interesses prefigurados.

Observando que os problemas filosóficos postos em evidência por Nietzsche seguem reclamando posições de esclarecimento, Luis Jiménez Moreno publica diversos estudos<sup>12</sup>, amplamente informativos e bem sistematizados, trabalhos que facilitaram o acesso ao universo nietzschiano a partir de uma forte preocupação antropológica e livre de qualquer intencionalidade demagógica.

As linhas de leitura a partir das quais Jiménez Moreno enfrenta os textos partem da advertência de que, para compreender a filosofia de Nietzsche, é plausível dar mais atenção ao *homem* que aos seus escritos, pois assim se encontrará seu olhar reiteradamente sobre os aspectos biográficos que marcaram o ritmo e o tom da produção nietzschiana. Partindo dessa base introduzirá, gradualmente, em uma filosofia que qualifica como

---

<sup>12</sup> Destacamos principalmente as contribuições realizadas por Luiz Jiménez Moreno em *El pensamiento de Nietzsche*. Madrid: Cincel, 1987, bem como suas contínuas releituras e reformulações do pensamento nietzschiano: *Nietzsche*. Barcelona: Labor, 1972; *Hombre, História e Cultura. Desde la ruptura innovadora de Nietzsche*. Madrid: Espasa-Calpe, 1983.

vitalismo antropológico-axiológico, enquanto pretende, antes de tudo, que o cognoscente descubra sua situação e realize um projeto vital próprio que “como fenômeno estético” justifique a existência<sup>13</sup>.

Adentrando na obra, ele consegue fazer emergir a vitalidade de um método que, segundo o próprio Jiménez Moreno, pretende descobrir e fazer viver a realidade histórica. A partir da problemática da linguagem, em relação as suas implicações com o problema do conhecimento em geral, especificamente quanto à determinação do processo de conhecimento e a seu objeto, a epistemologia nietzschiana nos conduzirá a uma nova antropologia e a uma axiologia inédita. A uma filosofia que, fiel ao sentido da terra, perscruta as diversas expressões lingüísticas, artísticas e culturais de uma época em busca de seu modo de valorar. Uma observação das variações do vir-a-ser de todo ser vivo, e mais do que em nenhum outro homem, que, como potenciadora da vida, tem de estar disposta a

escutar a voz suave das diversas situações da vida. Estas trazem consigo suas reflexões. E assim se adquire uma tendência para conhecer a vida e o ser, muito mais do que se se tratasse a si mesmo como *um* indivíduo sempre rígido (MA I/HH I § 618, KSA 2.349).

A reconstrução da crítica que Nietzsche faz da metafísica, entendida como núcleo do pensamento filosófico ocidental e, portanto, também como um traço central de nossa cultura, recebe um inovador impulso com a publicação da obra de Juan Luis Vernal, *La critica de la metafísica en Nietzsche*<sup>14</sup>. Vernal consegue fundir

---

<sup>13</sup> JIMÉNES MORENO, L. *El pensamiento de Nietzsche*. Madrid: Cincel, p. 67.

<sup>14</sup> VERNAL, J. L. *La critica de la metafísica en Nietzsche*. Barcelona: Anthropos, 1987.

a jovem tradição interpretativa peninsular com os revolucionários aportes da revisão crítica da obra de Nietzsche levada a cabo pelos estudiosos italianos Colli e Montinari. Presenciamos um novo modo de ler Nietzsche que seria, em princípio, de leituras mais rigorosas. Propõe-se um *giro* interpretativo significativo: abandonar a direção anteriormente proposta por muitos investigadores, que fazia o caminho *de nós até Nietzsche* (ou seja, levar aos nossos textos nossas preocupações, intenções e temores; em última instância, fazê-lo contemporâneo) para abordar a perspectiva *de Nietzsche até nós* (isto é, tratar de entender o texto por si mesmo).

Os conceitos *de verdade e de tempo* constituíram o guia para seguir o caminho de Nietzsche em sua crítica do pensar metafísico. De um pensar caracterizado pela instauração de uma dualidade determinada por uma instância transcendental que constitui o “ser verdadeiro”. Um mundo verdadeiro representado por sua presença sem limites, absoluto no tempo.

Assim, rastreará a evolução nietzschiana de ditos núcleos temáticos, até chegar a sua posição mais madura da década dos anos 80, para expor em seu desdobramento global, a crítica e a reformulação dos conceitos ontológicos fundamentais durante o último período da criação nietzschiana (“eterno retorno”, “vontade de potência”). Uma crítica da metafísica que, abandonando o modelo anterior da crítica esclarecida, arremete contra as primeiras bases ontológicas da tradição metafísica.

Cabe destacar que a análise de dita evolução do pensamento nietzschiano baseia-se, sobretudo, na interpretação dos textos inéditos, na convicção de que neles se encontra, com uma clareza maior que nos publicados, a destruição da tradição metafísica que Nietzsche propõe nesta época. Relativizando a sentença de Karl Schlechta, que sustentou que na obra póstuma não se encontrava

“nenhum *novo* pensamento central”<sup>15</sup>, Vermal sustenta que “pode seguir afirmando-se que os manuscritos inéditos dessa época constituem o mais próprio do pensamento nietzschiano e que, mesmo sem contradizer a obra publicada, muitas vezes vão para além dela”<sup>16</sup>. Afirmção nascida do minucioso estudo das que, talvez, pudessem ser chamadas como as primeiras obras realmente completas de Nietzsche, levadas a cabo por G. Colli e M. Montinari<sup>17</sup>, conduzindo-nos a dizer, junto com E. Trías, que:

Este livro é a primeira e *verdadeira* contribuição que se realiza sobre o pensamento de Nietzsche em língua castelhana a partir dos textos originais e segundo os novos critérios de ordenação de suas obras. E sobretudo com demasiada atenção aos inéditos de Nietzsche<sup>18</sup>.

O estudo da relação de Nietzsche com seus reconhecidos “mestres” Schopenhauer e Wagner ou sua particular recepção do legado filosófico kantiano são, em geral, temas que abrem perspectivas que

---

<sup>15</sup> Cabe assinalar que Schlechta realizou esta afirmação baseando-se somente nas anotações até então conhecidas e reconhecendo a necessidade de uma edição crítica dos textos nietzschianos. Cf. *F. Nietzsche, Werke in drei Bänden*. Ed. K. Schlechta, Munich-Darmstadt, 1954, III, p. 1433.

<sup>16</sup> VERMAL, J. L. *op.cit.*, p. 20.

<sup>17</sup> Hoje já é conhecida por todos a seriedade, confiabilidade e giro hermenêutico que representou para os estudiosos da obra de Nietzsche o surgimento da edição crítica das obras completas de Nietzsche levada a termo por G. Colli e M. Montinari (KGW, cf. M. Parmeggiani, «¿Para qué filología? Significación filosófica de la edición Colli-Montinari de la obra de Nietzsche». In: *Estudios Nietzsche*, nº 1, 2001, p. 91-102). Ela aportou os elementos suficientes para considerar definitivamente superada a edição das *Obras completas* realizadas por K. Schlechta como também a falsa obra *A vontade de potência* editada sob a direção de Elizabeth Forster-Nietzsche, a qual além de apresentar uma obra que seu irmão nunca chegou a realizar, contém uma seleção, agrupação e fragmentação arbitrária dos textos manuscritos, aos quais se somam não poucos erros e falsificações.

<sup>18</sup> VERMAL, J. L., *op.cit.*, p. 13.

extrapolam o âmbito restrito de um tema específico. A tarefa de Julio Quesada catalisa os esforços por tratar de unificar, dar sentido sem ser conclusivo, um tipo de pensamento que desafia toda sistematização e que permanecia, em muitos aspectos, desmembrado, fragmentado pelas diversas abordagens críticas, e que não tinha atingido ainda a maturidade de uma perspectiva que conseguisse integrar, em seu originário entrelaçamento, questões como a interpretação ontológica de Nietzsche, sua observação estética do mundo e do homem, e seu conseqüente compromisso político. Esses três aspectos, em sua conjugação primária, constituem e estabelecem a perspectiva desde a qual Julio Quesada<sup>19</sup>, em sua obra *Un pensamiento intempestivo: Ontologia, estética e política em F. Nietzsche*, introduz na problemática e conseqüências do pensamento intempestivo nietzschiano. Em uma forma de pensar que, neste sentido, não está de acordo com a forma de viver de seus contemporâneos, nem com os valores imperantes, e que pretende a sua transvaloração.

Deste modo, somando-se aos incipientes esforços de clarificação da crítica nietzschiana da metafísica, delineiam-se os primeiros passos de uma proposta de exegese expositivo-crítica que (sem renunciar às sugestões literárias que permitam uma melhor elucidação do problema) nos conduzem desde o originário entrelaçamento dos aspectos anteriormente mencionados, até a compreensão nietzschiana de Schopenhauer e Kant; até a progressiva configuração do propriamente nietzschiano<sup>20</sup>. Assim, segundo Quesada, a elucidação dos antecedentes schopenhauerianos de Nietzsche – e mais preci-

<sup>19</sup> QUESADA, J. *Un pensamiento intempestivo: Ontologia, estética y política em F. Nietzsche*. Barcelona: Anthropos, 1988.

<sup>20</sup> Para este trabalho o autor se baseou na edição crítica KGW e nas diversas edições em espanhol traduzidas por Sánchez Pascual, Ambrosio Besarain, Luis Manuel Valdés, Teresa Orduña, Pablo Simón e Luiz Jiménez Moreno. Não se utiliza a tradução de Ovejero. Ademais, resenha-se uma gama multifacetada de comentaristas da obra de Nietzsche, como obras literárias e afins.

samente sua leitura de *O mundo como vontade e representação* –, a clarificação dos elementos fundamentais da visão dionisíaca do mundo nos escritos da juventude, com uma detida análise das *Extemporâneas*, nos permitirá começar a delinear a novidade da proposta, a traçar desde a recepção nietzschiana da problemática kantiana às possíveis trajetórias filosófico-políticas desta concepção da vida e da história como essencialmente “abertas”, a reconhecer no legado da metafísica dogmática sua conseguinte vontade ascética de um “não querer viver”, a identificar o legado teleológico aprofundando na dimensão gnosiológica do perspectivismo, na capacidade metafórica do homem como impulso fundamental que está incorporado como sua própria natureza.

A proposta de Sánchez Meca se constrói desde a original perspectiva que nasce da autocrítica de revisar a fundo as próprias hipóteses de interpretação, da paixão de um leitor que busca na labiríntica obra nietzschiana os critérios válidos para sua interlocução. Paixão que, distante de traduzir-se em fanatismo, converte-se em um raro *pathos* de verdade que denuncia a atitude daqueles intérpretes que, tergiversando os textos, são capazes de ajustar um Nietzsche “à sua medida”; para apresentar, então, como pensamento de Nietzsche o que somente era pensamento de um intérprete que se utiliza de Nietzsche como alto-falante.

Deste modo adiantará, em sua obra *Em torno al superhombre: Nietzsche y la crisis de la modernidad*<sup>21</sup>, determinados critérios de leitura que, embora estivessem latentes ou houvessem sido assinalados por algum intérprete, não estavam explicitados e trabalhados cuidadosamente no âmbito espanhol. Herdeiro de uma tradição de leitura nascida nos *Nietzsche-Studien*, na revisão crítica da

---

<sup>21</sup> SÁNCHEZ MECA, D. *Em torno al superhombre: Nietzsche y la crisis de la modernidad*. Barcelona: Anthropos, 1989.



obra nietzschiana de Colli e Montinari, Sánchez Meca introduz, de maneira original, uma perspectiva de leitura que se funda na sensibilidade histórica e na preocupação filológica.

Sem renunciar ao trabalho de organização e sistematização, o autor se afasta dos comentadores que, não tendo em conta de modo suficiente o sentido dado por Nietzsche a sua noção de *interpretação*, acabaram oferecendo: alguns, espécies de novas metafísicas; outros, “filosofias nietzschianas da história, que somente se distinguem das demais em aspectos de conteúdo, não no próprio esquema de sua formulação, nem tampouco por uma significação ou valor próprio”<sup>22</sup>. Sánchez Meca se detém ante o texto, faz a experiência e propõe linhas de leitura, portas de entrada para um pensamento que foge a toda normatização categórica, meta-histórica.

Estabelece, deste modo, um giro interpretativo da obra de Nietzsche, abandonando um “ir até os escritos desde nós mesmos”, plasmando neles as nossas preocupações, intenções ou desejos, o que, talvez, não seja outra coisa senão buscar religiosamente respostas; a um “ir de Nietzsche até nós”, na consciência de tomar os textos por si mesmos, em sua complexidade de produção, em sua realidade histórica.

Esta proposta de leitura *extemporânea*, que convida a um ensaio de autocrítica, vem saldar, em certa medida, o conflito hermenêutico já assinalado anteriormente por pensadores como Eugenio Trías, ao esclarecer as principais linhas de uma compreensão adequada do conceito de *experiência* em Nietzsche. Uma experiência de leitura *percorrida*, solitária, mas por sua vez nutrida pelo denso intercâmbio com os diversos especialistas. Deste modo, os estudos de Nietzsche na Espanha atingem a maturidade necessária para se converterem, por sua vez, como referência para outras recepções nietzschianas,

---

<sup>22</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 10.

tais como as hispano-americanas. Assim, Sánchez Meca, junto a estudiosos posteriores como Barrios Casares, Luis de Santiago Guervós, passaram a fazer parte da história contemporânea da recepção de Nietzsche não somente no nosso país, mas também no âmbito hispano-americano.

### *3. Consolidação dos estudos nietzschianos (década de 1990).*

A nova década começava, assim, com a interpretação de base histórico-filológica já plenamente fundada; fundação para a qual a obra de Sánchez Meca, no final da década anterior, havia dado o golpe violento. A constituição desse solo firme permitiu que nos anos 90 os novos estudiosos pudessem dedicar-se com calma para desenvolver temáticas concretas de modo extenso, sem a preocupação de ter que ir eliminando os mal-entendidos a cada passo e dando uma justificação global da nova aproximação ao texto nietzschiano. Tudo isso podia dar-se por descontado; já era hora, no âmbito lingüístico hispânico, de dedicar-se a desvendar as múltiplas potencialidades que a obra nietzschiana esconde em grandes quantidades por trás da concisão de seu estilo.

Como tivemos a oportunidade de observar, na década de 70 a recepção espanhola da edição crítica da obra de Nietzsche, dirigida por Giorgio Colli e Mazzimo Montinari, acompanhada pelas excelentes traduções realizadas por Andrés Sánchez Pascual e o aporte ensaístico de pensadores como Eugenio Trías e Fernando Savater, geraram um interesse crescente pela figura e pelo pensamento de Nietzsche. Interesse que propicia o início e a consolidação, nas duas décadas posteriores, de uma certa tradição investigativa em torno do pensamento nietzschiano, e que se traduz, em não poucos casos, em um interesse pelo período da juventude do pensador alemão.

Queremos destacar, neste caso, o empenho por delinear uma justa valorização do papel da primeira filosofia nietzschiana, realizada por Manuel Barrios Casares. Este estudioso tinha começado suas investigações sobre o pensamento de Nietzsche oferecendo a original interpretação<sup>23</sup> de um conceito central neste pensamento, a vontade de potência, recolhendo de maneira aguda as mais importantes considerações que sobre ele se realizou no conjunto dos estudos nietzschianos. Para ressaltar o aspecto produtivo da vontade de potência, Manuel Barrios a reformula como “amor”, ou seja, como atividade doadora que não espera receber nada em troca, nessa peculiar interpretação nietzschiana do amor e da amizade, com a qual também pretende colocar em questão a moralização do fenômeno (e, portanto, seu estreitamento, seu investimento de ressentimento) por parte do cristianismo.

Em sua obra seguinte, *Voluntad de lo trágico. El concepto nietzscheano de voluntad a partir de “El nacimiento de la tragedia”*<sup>24</sup>, Manuel Barrios pretende, com suas considerações, romper a interpretação dominante na Europa, a qual assinala, talvez genuinamente inspirada na autocrítica do próprio Nietzsche neste primeiro período de seu pensamento, “um repugnante cheiro hegeliano”, um dominante *pathos* romântico que o manterá subsumido nas influências de Schopenhauer e Wagner. Uma absoluta adscrição na órbita intelectual da metafísica schopenhaueriana que nos levaria a considerar, portanto, como genuinamente nietzschiano, somente aquilo que foi desenvolvido posteriormente a 1872, ao *Nascimento da tragédia*.

---

<sup>23</sup> BARRIOS CASARES, M. *La voluntad de poder como amor*. Barcelona: Serbal, 1990 (Madrid: Arena Livros, 2006).

<sup>24</sup> *Id.*, *Voluntad de lo trágico. El concepto nietzscheano de voluntad a partir de “El nacimiento de la tragedia”*. Sevilla: Er. Revista de filosofía, 1993 (revisado e reeditado em Madrid: Biblioteca Nueva, 2002).

Repensando a influência da metafísica schopenhaueriana sobre a filosofia do jovem Nietzsche, Barrios Casares realiza uma análise detalhada do primeiro pensamento nietzschiano e, em particular, de seu primeiro livro, *O Nascimento da tragédia*. Desvelando as dimensões de um pensamento original e crítico, um avanço tanto em sua temática quanto nos fundamentos de sua futura obra, o que manifesta a possibilidade de ler esse texto de Nietzsche, antes de tudo, como um primeiro passo, significativo, germinal, no progressivo distanciamento por parte de Nietzsche das concepções filosóficas delineadas por Schopenhauer em *O mundo como vontade e representação* e o ideal romântico de arte, cultura e gênio apoiado por Wagner.

Mediante um tratamento interrelacional dos distintos períodos do pensamento de Nietzsche, a elucidação genealógico-filosófica e a perspectiva histórico-filológica do dionisíaco, desentranha-se o conceito de vontade elaborado pelo jovem pensador em sua tarefa de elucidação da tragédia grega, e nele, sua compreensão do mundo como fenômeno estético. Ascendendo, assim, ao esquema interpretativo-metafísico do real, evidenciam-se as motivações e o desenvolvimento da filosofia do jovem Nietzsche que, embora ainda adote fórmulas próprias de seus mestres, não deixa de matizar sua posição pessoal fundando o princípio de uma inevitável ruptura, junto ao anúncio de uma filosofia posterior.

Desse modo, distanciando-se daqueles intérpretes que somente tiveram ouvidos para a dissonância existencial e estética que o pensamento de Nietzsche oferecia frente a seus reconhecidos mestres, Barrios Casares acentua o caráter marcadamente metafísico das diferenças existentes entre uma e outra reflexão, convertendo a questão de “Nietzsche filólogo romântico”, em um problema para metafísicos.

Ao liberar Nietzsche da rede do preconceito da absoluta adscrição ao paradigma schopenhaueriano, esse procedimento não somente nos permite encontrar, no mesmo seio da concepção nietzs-

chiana da tragédia, os princípios que explicam as divergências com seu mestre, mas também a possibilidade de confrontar-nos com as principais tendências interpretativas contemporâneas determinadas de maneira decisiva por Heidegger; e de modo não menos influente pelos intérpretes franceses, liderados por Derrida, e a exegese da investigação iniciada por Gianni Vattimo. Assumindo, em todas elas, sem sombra de dúvida, a subordinação das ideias do jovem Nietzsche ao universo teórico de Schopenhauer.

Interpretando Nietzsche, sobretudo sob o ponto de vista anti-dogmático e anti-metafísico, surge, em 1993, a proposta de Elvira Burgos Díaz,<sup>25</sup> que pretende esclarecer a atitude crítica do filósofo diante da tradição da metafísica ocidental, recorrendo à elucidação da figura de Dioniso na obra inicial de Nietzsche. Convencida de que a mesma representa uma porta de entrada privilegiada ao complexo e fecundo pensamento da juventude do filósofo, gênese e laboratório de toda a sua filosofia, de que nela se revelam as multifacetadas máscaras do pensador alemão em sua compreensão do mundo e do homem.

Centrando a análise exclusivamente nesta temática, Elvira Burgos estabelece os delineamentos principais para abordar as obras de juventude, inclusive seus escritos póstumos e fragmentos; traçando um caminho que permite desfazer os mal-entendidos de um deus multifacetado que, apesar de sua “superabundância”, não permite todo o tipo de especulação. Um caminho que, no esclarecimento do plural, enigmático, múltiplo e complexo deus grego, possibilita-nos ter acesso ao intrincado e fecundo pensamento juvenil, onde já se encontram as formulações de uma original concepção de mundo que não se deixa submeter ao pensamento metafísico da tradição

---

<sup>25</sup> BURGOS, E. *Dioniso en la filosofía del joven Nietzsche*. Universidade de Zaragoza, 1993.

ocidental. Permitindo-nos observar como Nietzsche irá ultrapassando as fronteiras interpretativas da filologia tradicional, acolhendo as propostas que surgem desde a filosofia, distanciando-se da visão clássica da antiguidade (que é também, majoritariamente, a de seus contemporâneos), ao propor a relação Dioniso-Apolo como meio de acesso ao helênico – e não somente o fenômeno de Apolo, como até então se tinha pretendido –, bem como a possibilidade de ser lida a dita relação no contexto social e político.

Estabelece-se, assim, desde uma correta delimitação do problema, uma hipótese de referência iniludível para o investigador interessado em ter acesso à decifração do pensamento do filósofo e da repercussão dessa interpretação no âmbito da cultura ocidental. O que lhe permite afirmar que:

Lidos com atenção – distinguindo diferentes níveis e matizes de significado – os textos de juventude de Nietzsche vão dando forma a um pensamento filosófico que perturba profundamente, mesmo em sua primeira e equivocada formulação, o discurso da metafísica da qual se tem alimentado nossa tradição do pensamento ocidental<sup>26</sup>.

O interesse de Burgos pelo jovem Nietzsche é, em muitas casos, compartilhado pelos estudiosos da obra do filósofo alemão na Espanha. Ao que se soma o interesse, em muitos aspectos, pelas importantes contribuições realizadas pela recepção francesa da obra de Nietzsche (Bataille, Deleuze, Foucault, Derrida...), e indiretamente plasmados nos anos sessenta, na Alemanha, por E. Fink, onde se sustenta que Nietzsche não somente marcaria o fim da história da metafísica, mas também a primeira tentativa bem sucedida de sair dela. Assim, a esse interesse teórico inaugurado por Burgos,

---

<sup>26</sup> *Id., Ibid.*, p. 160.

somam-se as análises das contribuições da perspectiva daquilo que poderíamos chamar de filosofia prática, no afã de elucidar, desde o prisma nietzschiano e desde nosso entorno, as diversas faces da cultura européia, sua genealogia e decadência desde seus diferentes níveis de sentido, os quais poderiam ser: a educação, a linguagem, a literatura, a arte, a história, a política, a ciência, a filosofia, a moral e a religião.<sup>27</sup>

Será Henry Lynch quem abordará uma problemática tratada somente de modo colateral pelos estudiosos contemporâneos espanhóis e, todavia, fundamental: o problema das relações intrínsecas entre linguagem e pensamento ou, o que é o mesmo, entre *o que se diz* e *o como se diz*. Lynch desvela como Nietzsche faz uma imperiosa advertência aos filósofos, acerca do enfoque que conduz muitos deles a trabalhar sem a menor consciência da linguagem, despreocupada e inocentemente prisioneiros das figuras do discurso que cada um emprega. Dessa inconsciência lingüística ou, o que é mais grave, de acreditar que se é consciente por somente fixar-se nos aspectos gramaticais e lógicos da mesma, derivam-se numerosas conseqüências frutíferas para o pensamento contemporâneo.

No ensaio *Dioniso dormindo sobre un tigre. A través de Nietzsche y su teoría del lenguaje*<sup>28</sup>, Lynch abordará a possibilidade ou não de uma “filosofia metafórica” (suprimir: .) desde a perspectiva nietzschiana da mútua imbricação entre pensamento e palavra. Para isso, reconstrói a teoria da linguagem contida na obra de Nietzsche que, até o momento, em espanhol, ninguém havia tentado explicitar. Lynch se

---

<sup>27</sup> Cf. exemplo dessa modalidade de trabalho, no qual a análise nietzschiana da decadência da cultura ocidental é abordada extensamente: SUANCES MARCOS, M. *Friedrich Nietzsche: crítica de la cultura occidental*. Madrid: UNED, 1993.

<sup>28</sup> LYNCH, E. *Dioniso dormindo sobre un tigre. A través de Nietzsche y su teoría del lenguaje*. Barcelona: Destino, 1993.

dedica a estudar, de modo concreto e exaustivo, as ideias de Nietzsche sobre a linguagem, reconstruindo, assim, todas as incidências de sua contribuição pessoal para a filosofia, reconhecendo em seus aportes uma fronteira divisória entre um pensamento que considera o discurso como se estivesse subordinado à razão, e outro pensamento que reconhece que nenhuma razão, nenhuma raciocínio, é concebível em estado de pureza linguística. Deste modo propõe um caminho que parte do intento de reconstruir as diferentes linhas genealógicas que Nietzsche explora para retornar às origens da linguagem, onde estão implicados aspectos operativos da música, do ritmo, da poesia. Tudo isso tem um conseqüente desenvolvimento epistemológico que dá lugar à aplicação do “paradigma retórico”.

Embora o pensamento de Nietzsche não chegue a produzir uma estrita teoria da linguagem – que contradiria o espírito anti-sistemático nietzschiano –, o conjunto da sua obra está pautada por constantes referências ao mesmo, ao ponto (suprimir: de) que podemos afirmar que sua filosofia, sua crítica à metafísica, à cultura do ocidente, é ininteligível caso não se tenha em conta a sua atitude ante a linguagem. Uma atitude vivamente presente desde sua mais jovem etapa de trabalho filológico, e que se desenvolve paulatinamente até concluir, na relação linguagem-conhecimento do período maduro de sua filosofia, no qual se concebe o conhecimento não como resultado da instrumentação da faculdade racional, mas sim como uma pulsão que dá lugar a metáforas.

A partir de um modelo fisiológico do conhecimento, a mentira vem a ser definida como a não adesão às convenções hipócritas vigentes, e a verdade é questionada como valor que possa ser alcançado através de grosseiras mistificações para as quais dá lugar o uso da linguagem.

A linguagem, tal como é descrita, não fornece nenhuma informação sobre as coisas: não existe coisa em si, nem fenômeno, nem distinção



radical entre as modalidades do juízo, somente possuem vigências as interpretações, que não são mais do que o resultado de jogo da linguagem<sup>29</sup>.

Desenvolvem-se, assim, as implicações de uma epistemologia sem o conceito forte de verdade, cujo ponto de partida será desvelar a experiência do filosofar que se encontra presa nas redes da linguagem. Uma progressão que começa com a desautorização da lógica, segue com a crítica do kantismo, continua com a condenação do princípio de causalidade, a denúncia da ideia de consciência como um vício gramatical e origem dos preconceitos da gnosiologia moderna, e a tese de que, por trás de toda explicação, jaz inexplicável uma perspectiva gerada pela vontade de potência.

Um dos mais sérios estudos em nossa língua e o primeiro, no tempo, a desvendar a relação entre Nietzsche-Wagner, foi realizada pelo compositor e musicólogo Eduardo Pérez Maseda, em *Música como idea, música como destino: Wagner – Nietzsche*<sup>30</sup>. O paciente trabalho interpretativo de Pérez Maseda e sua descomunal preparação musical nos permitem o acesso ao universo ideológico de Wagner e suas multifacetadas influências não exclusivamente musicais. À particularidade de Nietzsche compositor, que faz da música o núcleo de sua estética e o eixo sensível de sua própria existência, assim como a intensa e complexa relação entre ambos, que transcendendo o plano puramente pessoal, revelam as preocupações e conflitos de uma época singular. É-nos permitido acessar, desse modo, não somente as

<sup>29</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 44.

<sup>30</sup> PÉREZ MASEDA, E. *Música como idea, música como destino: Wagner – Nietzsche*. Madrid: Tecnos, 1993. É uma reedição revisada e atualizada de *El Wagner de las Ideologías y Nietzsche-Wagner* publicada em alusão do centenário da morte de Wagner em 1983, mas muito pouco difundida além do âmbito wagneriano e musicológico.

características de um Nietzsche compositor, mas sim de um sujeito permeável a um fenômeno cultural, objeto de reflexão e análise.

Em Wagner, a música, já desde seu começo, será somente um meio para atingir a finalidade de seu primeiro propósito, o qual não é meramente musical, mas sim dramático. Sua concepção de *Arte total* pretenderá transcender a própria arte assentando-se sobre uma hipótese ideológico-espiritual revolucionária. Em Nietzsche, o objetivo é outro, sua vocação primeira é a de compositor e a música se constitui em núcleo de sua estética e, não menos importante, de sua existência, até o ponto de poder afirmar-se que sua obra surge da tensão irreduzível, porém voluntariamente interiorizada, entre o filósofo e o artista.

Deste modo, a partir da semelhança e da confrontação com Wagner, adentramos pelos caminhos da apaixonante e complexa estética musical nietzschiana: lúcida, penetrante e provocadoramente explosiva, muitas vezes incompreensível sem a obsessão por Wagner após sua ruptura. Porém, à margem da música, Nietzsche compreendeu que, mesmo rompendo com a grandiloquente proposta wagneriana e sem deixar de amar a pessoa, o mesmo Wagner também poderia converter-se para ele em um meio, no eixo central de sua crítica à moral e da cultura burguesa. A importância que para Nietzsche tem a crítica de Wagner, a qual chega ao ponto de converter-se em uma verdadeira obsessão vital, é a de ser a condensação da imensa crítica que Nietzsche desenvolve contra seu tempo.

Será a profundidade intelectual e a clareza conceitual de José María Valverde que oferecerá, com grande beleza literária, em *Nietzsche, de filólogo a anticristo*<sup>31</sup>, a possibilidade de aproximarmos de um Nietzsche diferente das frequentes críticas filosóficas do momento, habituadas a ver nele, sobretudo, o autor de *Zaratustra*.

---

<sup>31</sup> VALVERDE, J. M. *Nietzsche, de filólogo a anticristo*. Madrid: Planeta, 1994.

Desde uma perspectiva original e com um estilo incomum na academia, Valverde mostra o itinerário filosófico nietzschiano, desdobrando vida e obra do inquietante e polêmico Nietzsche, deixando ouvir ao longo de suas páginas a voz do próprio Nietzsche, assim como a de seus amigos e as observações do autor. Consegue unir, assim, aquilo que, muitas vezes, a crítica especializada tinha descuidadamente desmembrado ao limite do irreconhecível, para oferecer uma útil introdução à leitura do solitário de Sils-Maria, desde uma proposta de enfoque que se distancia do modo unilateral da qual vinha, em muitas ocasiões, sendo objeto.

Recriando a íntima consonância que o pensador alemão manifestava entre a sua vida e a sua obra (publicada ou não), Valverde nos introduz na análise genealógica de aspectos como os processos de publicação de suas obras, sua volumosa correspondência, as diferentes facetas de sua tortuosa saúde, a clarificação dos conceitos clássicos de “vontade de potência”, “além-do-homem” e “eterno retorno”, bem como as dificuldades que se enfrentam ao tentar fazer uma leitura que permaneça fiel ao texto.

Desse modo, temos acesso ao roteiro de uma vida na qual o risco e a solidão são suas pátrias. Evidenciando os aspectos biográficos mais representativos e suas preocupações mais íntimas, surge o amor intenso que Nietzsche professava pela vida e como foi elaborando a mais forte crítica do pensamento ocidental desde a sua própria autocrítica. Expondo, assim, a riqueza perspectivista de um pensador coerente entre vida e pensamento, lembra-nos da parcialidade de qualquer abordagem que se faça de sua obra.

Em 1997, os estudos sobre Nietzsche na Espanha, apesar de terem conseguido alcançar muitos dos temas que foram atribuídos ao pensador alemão – como, por exemplo, sua relação com a ideologia nazista –, ainda faltava esclarecer aquele que questionava de forma mais radical o legado nietzschiano: o tópico *irracional* de um pensador “dinamite”. Acusação que desafia qualquer um que queira

demonstrar o valor filosófico de uma obra atípica e que Jesús Conill defende com sucesso com a publicação de *El poder de la mentira. Nietzsche y la política de la transvaloración*<sup>32</sup>. Conill, indagando acerca do *que é pensar* para Nietzsche e *qual é o valor filosófico* de sua obra, consegue apresentar lucidamente a trama na qual se manifesta a peculiar racionalidade da proposta nietzschiana.

A novidade do discurso filosófico de Nietzsche, que é iniciada mediante uma particular recepção da crítica kantiana, estaria inscrita, assim, dentro da tradição da filosofia crítica da linguagem, a partir da qual se abre uma nova forma filosófica de pensar: não ao estilo da fundamentação clássica, mas sim uma forma de “dar razão”, baseada em uma análise crítica da linguagem filosófica tradicional e da experiência dessa linguagem discursivo-conceitual. Uma forma particular de pensar e escrever plenamente filosófica e que se havia confundido, em diferentes ocasiões, com o irracionalismo, o misticismo, a sugestão literária ou a sofística.

Conseguir um giro radical da “crítica da razão”, do “anti-racionalismo” em Nietzsche supõe, em realidade, um modo de entender a razão desde seus próprios parâmetros, que são seu caráter corporal e semiótico. Parâmetros diferentes dos considerados tradicionalmente pelo pensamento filosófico, onde os aspectos lógico-metodológicos ocultaram, historicamente, os aspectos mais profundos e originários como o corpo e a linguagem.

Desse modo, Conill consegue estabelecer as principais teses e referências bibliográficas que demonstram o valor filosófico do discurso nietzschiano, uma novidade crítica já mencionada, bastante cedo, por pensadores espanhóis como Ortega e Zubiri, e que Conill consegue mostrar acertadamente advertindo-nos das íntimas – e não

---

<sup>32</sup> CONILL, J. *El poder de la mentira. Nietzsche y la política de la transvaloración*. Madrid: Tecnos, 1997.

mencionadas até o momento – conexões entre importantes ideias zubirianas e as teses nietzschianas, bem como a original recepção orteguiana da ideia de “além-do-homem”.

#### 4. O novo século e a renovação dos estudos nietzschianos.

Prelúdio ao novo século é a celebração, em 2000, do centenário da morte de Nietzsche, haja vista uma autêntica explosão, na Espanha, do interesse e de todo o tipo de trabalho acadêmico sobre Nietzsche. Com novas obras por parte tanto de antigos como de muitos novos estudiosos, que se incorporaram para incrementar o corpo de investigadores espanhóis, chegando a constituir assim, na Espanha, um dos âmbitos mais dinâmicos dentro da história da filosofia. A isso se agregam novas traduções rigorosas, permitindo, assim, dispor de várias traduções de uma mesma obra, a celebração de numerosos congressos, a fundação de uma sociedade dedicada ao estudo da obra nietzschiana e, por último, caso inédito e difícil na Espanha, a criação de uma revista temática, *Estudios Nietzsche*, tributária da prestigiosa revista alemã *Nietzsche-Studien*.

O novo século começou com uma novidade. José Emilio Esteban Enguita e Julio Quesada coordenaram a primeira publicação coletiva na Espanha acerca do espinhoso tema da filosofia política nietzschiana, *Política, historia y verdad en la obra de F. Nietzsche*<sup>33</sup>, em torno do pensamento político de Nietzsche, reunindo contribuições de diversos estudiosos espanhóis nacionais – que em muitas ocasiões permaneciam dispersos – conjuntamente com alguns internacionais.

---

<sup>33</sup> EGUITA, J.E., QUESADA, J. (orgs.). *Política, historia y verdad en la obra de F. Nietzsche*. Madri: Huerga y Fierro Editores, 2000.

As vontades dos diferentes estudiosos convocados (Luis Martín Santos, José Emilio Esteban Eguita, Walter Kauffman, Bruce Detwiler, Lizbeth Sagol, Julio Quesada, Giuliano Campioni, María Jesús Mingot, Luis Enrique De Santiago Guervós, Diego Sánchez Meca, Luis Jimenez Moreno, Mary Warnock, Ricardo Tejada, Fernando Savater, Juan Gavilán, José Lasaga Medina, Marco Parmeggiani) dirigem-se não para fornecer um retrato político definitivo de Nietzsche, “verdadeiro” no sentido de não haver controvérsia no uso que Nietzsche dava a esse termo, mas limpar, sanear, polir um dos aspectos de sua obra mais desfigurados pelos monstruosos e caricaturais tópicos criados em torno do *corpus* nietzschiano: o aspecto político.

Desse modo se consegue abordar com rigor o campo praticamente não trabalhado, em espanhol, do pensamento político nietzschiano. Um problema muito negligenciado e posto em dúvida, inclusive como um problema. Como abordar um campo tão cheio de dificuldades, obscuro e provocador? Um pensamento heterodoxo com respeito à filosofia política tradicional, tão abismal para a sensibilidade democrática vigente em nossa época? Existe acaso em Nietzsche um pensamento político digno de consideração? Que importância e que valor têm a política dentro de seu pensamento? Quais são as ideias principais de seus questionamentos políticos? Compartilhando grande qualidade teórica, mas diferentes estilos e pontos de vistas, os diversos pensadores responderam as questões levantadas, fornecendo uma imprescindível riqueza perspectivista do aspecto talvez mais problemático e, por sua vez, menos tratado pelos investigadores até o presente momento.

Mas o acontecimento mais importante do novo século, que pressupõe toda uma renovação dos estudos nietzschianos na Espanha, é a criação da Sociedade Espanhola de Estudos sobre F. Nietzsche (SEDEN), em março de 2000, aproveitando a comemoração do

Centenário da morte de Nietzsche e por ocasião de um Seminário Internacional sobre seu pensamento que teve lugar em Málaga, na Espanha<sup>34</sup>. Na realidade, com ela se tratou de dar expressão a um estado de compreensão, que requeria uma certa unidade para articular os estudos de Nietzsche em espanhol. Por isso, um grupo de estudiosos se animaram a por em marcha essa sociedade, com um firme propósito prático: que fosse de grande utilidade para todos aqueles que possuem um especial interesse no estudo da obra de Nietzsche. Uma vez constituída formalmente a Sociedade, a primeira coisa que foi feita, para ter um ponto de referência material, foi criar uma página Web ([www.estudiosnietzsche.org/seden](http://www.estudiosnietzsche.org/seden)), na qual se pudessem informar os objetivos da sociedade, os estatutos e outros elementos de apoio, como a difusão dos livros que estão sendo publicados em espanhol, traduções, resenhas, congressos e todo tipo de notícias que tenham alguma relação com Nietzsche. Por tudo isso, busca-se recolher quaisquer notícias, publicitária ou relativa a congressos, realizadas ao longo do ano sobre Nietzsche ou qualquer publicação que se faça sobre o mesmo. Esta página na Web foi, em um primeiro momento, o ponto de encontro para os interessados na nova Sociedade. Nela se informam as novidades bibliográficas sobre Nietzsche em espanhol, francês, italiano, inglês e alemão. Resenam-se todas aquelas obras que são de interesse e também se admitem resenhas sobre as mesmas. Pode-se consultar a referência sobre as teses de doutorado que estão sendo realizadas nas universidades espanholas sobre Nietzsche. Proporcionam-se os encontros mais interessantes. Também se pode

---

<sup>34</sup> Veja-se uma resenha em M. Parmeggiani, “Seminario Internacional de Filosofía: En el centenario de la muerte de Nietzsche”. In: *Diálogo Filosófico*, ano 16, III (setembro-dezembro), 2000.

contemplar uma galeria de imagens sobre a vida e o contexto de Nietzsche. A página serve, também, para dar a conhecer os *Estudios Nietzsche*, a revista da Sociedade. Nela se oferecem também notícias nietzschianas: congressos, colóquios, criação de novas sociedades e grupos, etc.

A resposta a essa chamada foi surpreendente. Estudiosos da Espanha e América Latina aderiram ao projeto, fornecendo seus nomes e estando abertos a toda e qualquer colaboração possível. Desde os países de língua espanhola se mostrou, também, um grande interesse por estabelecer algum tipo de relação com a SEDEN, para um maior conhecimento mútuo e para fazer o intercâmbio de pontos de vista e investigações. A Weimarer Stiftung Klassik também fez eco a SEDEN, incluindo-a junto das sociedades nietzschianas alemã, inglesa e norte-americana. Recentemente, veio a formar parte da *Hipernietzsche* ([www.hipernietzsche.org](http://www.hipernietzsche.org)), em cujo comitê científico participa o presidente da SEDEN, Diego Sánchez Meca.

Estudiosos e entusiastas de Nietzsche seguem dirigindo-se a SEDEN por correio eletrônico para informar-se dos mais diversos temas. A imprensa e o rádio também fizeram eco no momento de criação da Sociedade, mostrando um interesse incomum por sua criação. Por tudo isto, pode-se concluir que valeu a pena o esforço inicial posto em andamento, de um empreendimento dessa envergadura, o qual pouco a pouco irá se consolidando. Na página da Web pode-se consultar a lista de sócios honorários e dos sócios ordinários vigentes, que formam parte da Sociedade. Para pertencer a ela, basta subscrever-se na revista *Estudios Nietzsche*, da qual falaremos mais tarde.

Entre os objetivos imediatos propostos pela SEDEN estava a criação e lançamento da revista *Estudios Nietzsche*, como “órgão oficial” da sociedade. Nela se convida, como colaboradores, a todos aqueles que estejam interessados na investigação da obra de Nietz-



che, para que ela sirva de lugar de encontro e fórum de expressão das ideias nietzschianas. Dessa revista, e de outros importantíssimos projetos da SEDEN, voltaremos a falar no final deste trabalho.

Com a renovação que foi proposta na criação da SEDEN e os novos projetos de tradução crítica das cartas e dos fragmentos póstumos, os estudos temáticos foram sendo multiplicados na Espanha, sempre mantendo um alto nível de qualidade, e digno de figurar junto às bibliografias de outras áreas lingüísticas (inglesa, francesa ou alemã) e respondendo a um âmbito de investigação já amplamente consolidado e em processo de expansão na Espanha. Desde estudiosos que já tinham iniciado sua trajetória nas décadas anteriores, e que já se expressavam com a riqueza e a profundidade de sua alcançada maturidade, até o surgimento de uma nova geração de estudiosos mais jovens, que, com base em contribuições anteriores, puderam aprofundar, posteriormente, aspectos fundamentais do pensamento nietzschiano.

Entre os primeiros, Ávila Crespo inaugura o século com um estudo dedicado ao tão controvertido e importante tema do sujeito em Nietzsche. Nele, se faz um percurso desde o questionamento genealógico de Nietzsche, e sua contextualização na filosofia da suspeita, até os problemas da fragmentação do sujeito e o problema do sentido. Como muito bem fez ver a autora, a fragmentação do sujeito é uma questão tanto teórica quanto prática, ou seja, também tem a ver com a forma de viver do homem ocidental após a “morte de Deus”. O aspecto prático se revela concretamente, por exemplo, no imperativo ético nietzschiano de dar um estilo ao próprio caráter, que a autora analisava, pela primeira vez, de forma pormenorizada. Frente à condição niilista, impõe-se a necessidade de descobrir possíveis vias de superação do niilismo, que sempre se encontraram ante a mesma alternativa, ou seja, ante a necessidade de optar entre a tragédia ou a utopia. O estudo mostrava, em toda esta temática,

até que ponto resulta frutífero propor um diálogo do pensamento nietzschiano com outros enfoques, sobretudo posteriores ao século XX, para medir a profundidade e avaliar criticamente a viabilidade de suas propostas<sup>35</sup>.

Localizar Nietzsche dentro da história das ideias é uma tarefa amplamente complicada, tanto pela elucidação precisa das suas contribuições inovadoras, quanto pelo abuso que foi feito dos tópicos sobre seu pensamento. Tópicos que, em muitas ocasiões, a partir do terreno das suposições – nada contrastadas – orientam as investigações até um Nietzsche porta-estandarte do “outro da razão”. Figurações que Germán Cano<sup>36</sup> pretende dissolver, delimitando o território real da intempestividade nietzschiana: para além da estéril alternativa entre a modernidade auto-satisfeita e o débil pós-modernismo. Com olhar atento e sem pretender oferecer uma imagem exata e definitiva do pensamento nietzschiano, Germán Cano reconstrói o cenário dinâmico das ideias modernas, onde as considerações de Nietzsche se revelaram como o momento autocrítico da modernidade sobre si mesma. Reconstruindo genealogicamente o caminho que leva de Nietzsche a Weber, de Weber até a Teoria Crítica, e desta até Foucault, mostra-se o papel central que desempenhou o diagnóstico iniludível das observações nietzschianas, de um Nietzsche médico da cultura, tanto para a Escola de Frankfurt como para Foucault. Localizado no terreno da criação imanente de valores, o legado nietzschiano se mostra alheio à tensão artificial entre as transmundanas

---

<sup>35</sup> Em seu livro seguinte, *El desafío del nihilismo* (Madrid: Trota, 2005), R. Ávila Crespo aprofundará de maneira mais ampla a temática do niilismo, já não exclusivamente em Nietzsche, mas no panorama mais amplo do pensamento contemporâneo e suas raízes na filosofia moderna e antiga.

<sup>36</sup> CANO, G. *Nietzsche y la crítica de la modernidad*. Madrid: biblioteca Nueva, 2001. Obra que o autor completou com outra quase contemporânea, *Como un ángel frío: Nietzsche y el cuidado de la libertad*. Valencia: Pretextos, 2000.

e grandiloquentes aspirações da metafísica dogmática e o fastio vital, o “nada vale a pena”. Abrindo, assim, o tênue caminho por onde transita um novo tipo de crítica que permanece alheio tanto ao otimismo da radicalização racional quanto ao pessimismo nostálgico, característico do romantismo tão criticado por Nietzsche<sup>37</sup>.

Amadurecido pelo tempo e expresso sem pressa, Manuel Barrios Casares lograva explicitar, a partir de domínios precisos do conhecimento, o moderno problema de “narrar o abismo”. Ou seja: o problema de “como conferir forma filosófica, narrativa – e histórica, em última instância – à experiência de dissolução do mundo moderno”.<sup>38</sup> Utilizando como referências suas leituras de Hölderlin e Nietzsche, Barrios Casares em *Narrar el abismo. Ensayo sobre Nietzsche, Hölderlin y la disolución del clasicismo* questionará, hermeneuticamente, as origens genealógicas da intempestiva crítica nietzschiana da cultura no fim do século XIX. Análise que remontará à jovem crítica de Hölderlin, à lógica reflexiva do juízo, antecipação da crítica de Hegel à proposição do entendimento, ao intelecto logizante e esteira na qual se encontram as reflexões de Nietzsche. Seu grande domínio do processo evolutivo da bibliografia interpretativa internacional sobre temas específicos da problemática nietzschiana e o conhecimento preciso das diferentes edições e traduções da obra do filósofo alemão, em suas virtudes e carências, além de sua farta erudição histórico-cultural, permitiram a ele estabelecer um diálogo

---

<sup>37</sup> Germán Cano também levou a termo um importante trabalho de tradução dos textos nietzschianos que, surpreendentemente, ainda não estão disponíveis em traduções confiáveis da editora Biblioteca Nueva: *Aurora* (2000), *La ciencia Jovial* (2001), *Sobre la utilidad y el perjuicio de la historia para la vida* (1999), e de outros já publicados em espanhol – dos textos Nietzscheanos nunca é demais uma nova tradução rigorosa: *El anticristo* (2000).

<sup>38</sup> BARRIOS CASARES, M. Barrios. *Narrar el abismo. Ensayo sobre Nietzsche, Hölderlin y la disolución del clasicismo*. Valencia: Pre-textos, 2001, p. 7.

com o autor, de todo esclarecedor e exemplar. Diálogo que, em sua clareza conceitual e procedimento argumentativo, outorgaram aos estudos contemporâneos de Nietzsche, não só a clareza para a dissolução de ditos problemas, mas sim as ferramentas e perspectivas precisas para seguir abordando as propostas nietzschianas. Propostas muitas vezes incompreendidas em épocas passadas e outras tantas distorcidas na atualidade por certa metafísica negativa do débil pensamento pós-moderno. Constituindo-se assim a proposta de Barrios, num esforço investigativo programático no horizonte espanhol que aspira a manter viva tanto a tensão original dos textos, quanto daquele que interroga, ou seja, do solo desde o qual falamos e pretendemos um dizer com sentido.

Como vimos, talvez os indicativos mais claros do fortalecimento de um paradigma genuíno de investigação foram aportados por aqueles intérpretes que, assumindo o desafio nietzschiano, se dessemantizaram da produção por “reação”, a qual se concentrava na tarefa de “salvar” Nietzsche dos diferentes ataques externos, para empreender – a partir de uma análise exaustiva de seu pensamento – uma verdadeira construção positiva, desde distintos enfoques e aportes pessoais. Reconstruindo a perspectiva do pensamento nietzschiano a partir de um trabalho histórico-filológico e de uma modalidade genealógica, Marco Parmeggiani em *Perspectivismo y subjetividad en Nietzsche*<sup>39</sup> adentra em um dos terrenos menos estudados do pensamento nietzschiano: a crítica do conceito metafísico do sujeito cognocente.

---

<sup>39</sup> PARMEGGIANI, M. *Perspectivismo y subjetividad en Nietzsche*. Málaga: Analecta Malacitana, 2002. Essa obra encontra seu complemento em outro livro do autor dedicado a percorrer diversas problemáticas cruciais do pensamento de Nietzsche desde a perspectiva do niilismo: *Nietzsche: Crítica y proyecto desde el nihilismo*. Málaga: Agora, 2002.

Desse modo, analisando as extensas e minuciosas meditações nietzschianas, elaboradas entre os anos 1880-1889, e recorrendo ao conjunto disperso de suas meditações espaçadas por aforismos publicados e fragmentos póstumos, Parmeggiani oferece uma interpretação orgânica e pormenorizada da mais forte crítica a gnosiologia metafísica tradicional. Seguindo o caminho proposto pela hermenêutica nietzschiana são determinadas, desde seus textos, duas críticas fundamentais: uma geral contra o conceito metafísico do sujeito cognoscente e outra mais específica contra o postulado metafísico do sujeito do pensar. Críticas levadas a termo desde uma perspectiva original onde se conectam a crítica da cultura e a reflexão teórica, onde a análise genealógica da cultura ocidental é a base para uma tarefa inaudita de criação de conceitos. Extraíndo com êxito, deste modo, uma visão de conjunto que traz à luz as ilusões do pensamento.

Este estudo específico pretende ser uma exemplificação da filosofia pluralista que Nietzsche forjou na forma do “perspectivismo”. Por isso, o autor insiste em não confundir o pluralismo nietzschiano com o ecleticismo fortemente vigente em nossos dias. Parmeggiani diferencia a proposta nietzschiana com respeito ao débil ecletismo atual, nascido da incapacidade, da carência de espontaneidade e criatividade próprias do ser humano, que, incapaz de gerar algo novo, funda a cultura *epigonal* surgida no final do século XX e entendida até hoje como filisteísmo. Auto-convencido “filho das musas e homem de cultura”, o filisteísta reproduz as ambições da metafísica tradicional, negando-se a reconhecer a necessária injustiça de toda perspectiva, de todo ponto de vista, aspirando a alcançar um ponto situado fora de toda perspectiva ou uma perspectiva que abarque a todas. Essa busca da perspectiva absoluta é a essência mesma da metafísica da subjetividade em seu afã de refutar todo perspectivismo, o que dá sentido à subjetividade ocidental. Subjetividade cuja dissolução Nietzsche anuncia como expiração de uma ilusão: como a morte de Deus.

Com o motivo do centenário da morte de Nietzsche, Joan B. Llinares coordenou, a partir do Departamento de Metafísica e Teoria do Conhecimento da Universidade de Valência, uma nova publicação conjunta em torno da obra de Nietzsche. *Nietzsche, 100 años después*<sup>40</sup> sintetiza a evolução e a seriedade dos estudos que se tinham feito nas diversas universidades da península ibérica e que, aqui, conjugam-se através dos trabalhos apresentados por Elvira Burgos Díaz, Germán Cano, Enrique Gavilán, Joan B. Llinares, Miguel Morey, Jacobo Muñoz, Elena Nájera, Cristina De Peretti, Diego Sánchez Meca, Luis E. De Santiago Guervós, Paco Vidarte. Estudos heterogêneos e independentes, que não somente mostram a solução de cada intérprete, mas sim a pluralidade de perspectivas em que é lida a obra de Nietzsche, na diversa geografia espanhola, e a atualidade de seu pensamento.

Desse modo, Llinares consegue polir as diversas faces do prisma onde confluem e se descompõem as distintas facetas de um amplo espectro multicolorido. O problema do niilismo, diversas conjecturas sobre as categorias nietzschianas, a presença do filósofo na obra do poeta G. Benn, a crítica da razão ressentida ilustrada no cristianismo de Lutero, sobre a imagem idealista da mulher, a leitura nietzschiana da filosofia moderna, e uma reflexão fecundada pela companhia de pensadores como Wagner e Weber, Heidegger, Foucault e Derrida; constituem o corpo de uma obra destinada a homenagear o filósofo desde um espírito de confrontação e alheio a toda reverência.

Embora, em 2003, os estudiosos espanhóis da obra de Nietzsche tenham tido significativos avanços explicativos, ainda segue estimulante a tarefa de desmistificar ou desconstruir racionalmente o que

---

<sup>40</sup> LLINARES, J. B. (org.). *Nietzsche, 100 años después*. Valencia: Pre-textos, 2002.

Walter Kaufmann denominou “a lenda Nietzsche”: a manipulação ideológica e os abusos políticos a que foi submetida sua obra. O abuso hermenêutico que Esteban Enguita salva mediante os aportes críticos que estabelece em *El joven Nietzsche, Política y Tragedia*<sup>41</sup>. Contribuições que permitiram traçar a espinha dorsal da política no pensamento do jovem Nietzsche, complementada por uma análise certa da hipótese cultural que a justifica e que a estabelece como meio necessário para a realização dos fins que se encontram para além e acima da política.

Afastado da mediação interpretativa de qualquer hipótese filosófica, atendo-se aos textos e considerando os fatores extra-textuais, como a influencia intelectual que sobre o jovem Nietzsche tiveram autores e tradições, que tiveram um papel decisivo em sua formação, e os aspectos da “ideologia dominante” em sua época e seu meio social, Enguita investiga os textos nietzschianos desde uma perspectiva holística de seu *corpus* juvenil, onde cada uma de suas partes (metafísica, cultura, teoria do conhecimento, pedagogia e política) relaciona-se de modo subordinado e hierárquico, sem perder seu caráter unitário. Sendo considerada a política como a esfera onde se desenvolve a visão dionisíaca do mundo, e que, ainda ocupando um lugar secundário, permanece irreduzível dentro dessa totalidade, apresentando-se como o instrumento imprescindível para a realização dos fins práticos propostos pela metafísica.

Para além da deformação, vulgarização, politização e despolitização, realizadas pelas diversas manipulações ideológicas ou neutralizações políticas, Enguita estabelece os parâmetros para

---

<sup>41</sup> ESTEBAN ENGUITA, J. E. *El joven Nietzsche, Política y Tragedia*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2004. Esta obra se complementa com uma muito boa antologia de fragmentos políticos de Nietzsche, realizada pelo mesmo autor: *Fragmentos póstumos sobre política*. Ed. José E. Esteban Enguita, Madrid: Trotta, 2004.

uma leitura legítima dos aspectos políticos em Nietzsche. Embora a política não ocupe um aspecto central na obra de Nietzsche, isso não desvaloriza as importantes contribuições nietzschianas nesse terreno, sendo que em nenhum momento ele deixou de assinalar e de expor as conseqüências políticas e sociais relacionadas com as suas ideias, assim como não deixou de expor as condições necessárias para a total transformação do homem. Não é possível, portanto, compreender adequadamente a natureza radical e alcance do projeto filosófico de Nietzsche se se ignoram seu pensamento político e o lugar que Nietzsche concede para ele dentro de sua filosofia. Lugares comuns que têm dominado tanto a interpretação despolidizada de sua obra, quanto em sua politização apaixonada.

Desse modo, Enguita abre um espaço de debate para aqueles aspectos do legado nietzschiano, muitas vezes subestimados e outras tantas desvirtuados pelas diversas manipulações ideológicas e que não tinham sido suficientemente considerados pela crítica filosófica. Averiguando a valorização justa da dimensão política do pensamento nietzschiano, permite compreender adequadamente a radicalidade e o alcance do propósito filosófico de Nietzsche em sua crítica da totalidade do mundo ‘cristão-burguês’.

Em nosso país, a crítica filosófico-acadêmica tem produzido inúmeros estudos e de grande qualidade sobre a obra de Nietzsche em confrontação com os seus pensamentos. Um amplo espectro investigativo – que vai desde a reconstrução genealógica das teses consideradas fundamentais, a leitura histórico-filológica, a interpretação mais ou menos livre dos especialistas ou a elucidação de algum conceito ou campo do conhecimento em particular – tem permitido construir um multifacetado e rico *corpus* crítico que, em contínua atitude dialógica, nos tem possibilitado a refutação contínua dos pressupostos (ideológicos, políticos ou religiosos) que durante demasiado tempo nos impediu de fazer uma experiência genuína dos textos.



No quadro dessa maturidade crítica, e desde hipóteses diferentes das habituais, Luis Enrique de Santiago Guervós constrói a tentativa mais bem sucedida de aproximação ao multifacetado e fundamental papel que a arte tem no pensamento nietzschiano. Luis Santiago iniciou suas investigações pela importância que representa o trabalho de edição e tradução de textos nietzschianos. Em primeiro lugar foi uma compilação e tradução da crítica<sup>42</sup> dos escritos levantados pela polêmica em torno da publicação de *El nacimiento de la tragedia*. Todos os escritos intercalados de Wilamowitz, Rohde e Wagner. Logo em seguida apareceu uma edição mais imponente, dos escritos e palestras do jovem Nietzsche sobre a retórica<sup>43</sup>, um instrumento imprescindível para abordar de forma rigorosa a problemática da linguagem em seu pensamento.

Heidegger havia lançado um desafio iniludível aos intérpretes de Nietzsche: até que sejamos capazes, apesar da sua fragmentalidade, de oferecer uma ordem interna de sua doutrina da arte, o que é dito sobre o pensamento de Nietzsche não deixa de ser um conjunto de ocorrências casuais e comentários arbitrários<sup>44</sup>. Luis Enrique de Santiago Guervós assume e responde admiravelmente a esse desafio em sua ampla obra *Arte y poder*<sup>45</sup> traçando com precisão as coordenadas que nos ajudam a compreender, sem esquecer seu enfoque perspectivista, “o que nunca poderia denominar-se, com uma linguagem oficial, uma ‘estética’ nietzschiana”, isto é, a possibilidade ou não, de uma estética em Nietzsche.

---

<sup>42</sup> ROHDE, E., WILLAMOWITZ-MÖLLENDORF, U. v., WAGNER, R.. *Nietzsche y la polémica sobre el nacimiento de la tragedia*. Málaga: Agora, 1994 (edição de L. E. de Santiago Guervós).

<sup>43</sup> NIETZSCHE, F. *Escritos sobre retórica*. Madrid: Trotta, 2000 (edição de L. E. de Santiago Guervós).

<sup>44</sup> HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. Barcelona: Destino, 2000, v. I, p. 36.

<sup>45</sup> SANTIAGO GUERVÓS, L. E.. *Arte y poder: aproximación a la estética de Nietzsche*. Madrid: Trotta, 2004.

Tendo em vista que somente à luz dos seus interesses estéticos poderia ser apreciada melhor a estrutura do pensamento nietzschiano, apresenta a disposição de um pensar dinâmico e organicamente integrado, mas alheio às sistematizações totalizantes das metafísicas de cunho dogmático, e revelador de um programa filosófico revolucionário na história na história do pensamento. Nietzsche tratava de definir um novo modelo de racionalidade, *a racionalidade estética*, cuja meta não é outra senão a de libertar o pensamento do domínio da lógica da identidade.

O giro nietzschiano consegue inverter a relação tradicional entre arte e conhecimento, segundo a qual a arte se subordina ao conhecimento, para defender a primazia do criar sobre o conhecer – e sem separar o filósofo do artista – exclui a noção de verdade como fundamento da criação artística e revela os aspectos de uma “arte interessada”. Desse modo, a estética como exercício anti-metafísico é considerada por Nietzsche, em algumas ocasiões, como uma *estratégia*, como uma saída ou alternativa não só para a metafísica, mas sim para tudo aquilo que ela fundou: a religião, a moral, a política, etc. Buscando, assim, através da arte, poder superar uma filosofia que constituía o fundamento da cultura e moral ocidental, ele viu no artista uma alternativa para a filosofia, um espaço desde o qual se poderia superar a crise generalizada da cultura ocidental.

Convencido da superioridade da arte sobre a filosofia, assim como também de que precisava transformar a filosofia através do modelo que representa a *perspectiva do artista*, Nietzsche percebeu na *estética* uma possibilidade de acesso privilegiado ao saber fundamental dos instintos, da vida, ao conteúdo pulsional e excitante da natureza. A uma experiência do mundo como obra de arte, como fenômeno estético, onde o promordial é a afirmação do ato criador que, respondendo frente ao niilismo, consegue superar o sentido da existência.

Impossibilitados de definir ou sintetizar as ideias de Nietzsche sobre a arte, sem trair o espírito perspectivista nietzschiano, e sendo inaceitável, portanto, simplesmente falar de uma estética, ou de uma única visão de arte, somente nos aproximamos da estética nietzschiana quando, reproduzindo a variedade de seus pontos de vista, falamos da arte como “atitude metafísica”, como a “tarefa suprema da vida” e outras vezes como “fisiologia da arte” ou “psicologia da arte”. Uma concepção de arte como “força universal” como *poder*, como a “atividade metafísica fundamental”, na qual a arte é compreendida como sinônimo de todas as atividades criativas do homem e o artista não é tanto o que produz obras de arte, mas sim aquele que produz sua própria vida, aquele que converte o seu próprio eu num “fenômeno estético”.

A reedição recente de *Nietzsche. La experiencia dionisíaca del mundo*<sup>46</sup> consolida a maturidade do ponto de vista de uma leitura pessoal, pois Sánchez Meca é, antes de tudo, um leitor que compartilha a sua experiência de leitura. Isso se baseia em uma reflexão erudita forjada no intercâmbio das diversas recepções acadêmicas levadas a cabo na Espanha e no contínuo diálogo com os principais especialistas mundiais. Essa sua capacidade de “ler bem” é evidenciada nos suas excelentes traduções de textos nietzschianos, até agora inexistente em espanhol: a recompilação de aulas e fragmentos póstumos em torno de *El culto griego a los dioses*<sup>47</sup>.

O primeiro problema que aborda em sua obra é o de *como ler Nietzsche*, ou seja, como interpretar uma obra tão transbordante de pontos de vista, sem cair no vício das reduções esquemáticas

<sup>46</sup> SÁNCHEZ MECA, D. *Nietzsche. La experiencia dionisíaca del mundo*. Madrid: Tecnos, 2005 (4ª ed., 2009).

<sup>47</sup> NIETZSCHE, F. *El culto griego a los dioses: cómo se llega a ser filósofo*. Trad. Diego Sánchez Meca. Madrid: Alderabán, 1999.

anteriores. Como compreender a pluralidade assistemática de escritos que navegam entre aforismos, anotações, máximas, paródias, poemas, juntamente com a tradicional dedução discursiva?

A partir de uma leitura lenta e paciente, não somente propõe uma interpretação desenvolvida desde a relação corpo-cultura, como fio condutor para explorar o pensamento nietzschiano, mas também se detém em reproduzir o que denomina o *tempo* nietzschiano, os ritmos e acordes da experiência de pensamento de Nietzsche. Trabalho que o conduzirá a confrontar-se com as interpretações canônicas provenientes das contribuições daqueles pensadores que marcaram as diversas linhas interpretativas, como Heidegger, Habermas e Deleuze. Com isso, convida o leitor ao confronto com seus próprios padrões de leitura, à autocrítica, à desmistificação de qualquer linha investigativa, à dessacralização de qualquer referência que se pretenda legítima, definitiva e conclusiva.

##### 5. *Criação e desenvolvimento da revista temática Estudos Nietzsche*

*Estudios Nietzsche* surgiu em 2001 como uma revista de investigação sobre a obra e o pensamento de Nietzsche e, ao mesmo tempo, como órgão de expressão da Sociedade Espanhola de Estudos sobre F. Nietzsche (SEDEN). Com a sua aparição se pode dizer, sem maiores pretensões, que se preenche uma pequena lacuna no âmbito da filosofia espanhola em relação a outros países vizinhos, que há muito formaram suas próprias sociedades nietzschianas (Alemanha, Reino Unido, Itália, França, etc.) e canalizam suas investigações através de suas revistas especializadas. A partir desse momento, a revista serve de referência para conhecer melhor o estado da investigação nietzschiana na Espanha e no mundo latino e, sobretudo, para dar a conhecer os resultados dos estudos sobre Nietzsche dentro de

um meio mais específico. Desse modo a revista *Estudios Nietzsche* se apresenta perante a opinião pública com uma clara vocação de disponibilidade e abertura a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, queiram dar a conhecer as suas interpretações sobre Nietzsche. Porém, além deste objetivo prioritário, ou seja, o de servir de meio de expressão e de constituir um ponto de encontro para todas aquelas investigações sobre o pensamento de Nietzsche, pretende também, em segundo lugar, oferecer uma informação atualizada para todos aqueles que tenham um interesse especial pela obra e pelo pensamento de Nietzsche. Essa informação será, em primeiro lugar, de carácter bibliográfico, incorporando todas aquelas novidades editoriais que tenham sido produzidas ao longo do ano, não somente em espanhol, mas também em outras línguas. Além disso, trata de manter os leitores informados sobre os diferentes acontecimentos que são produzidos na Espanha, e além de nossas fronteiras, que tenham a ver com Nietzsche. A revista pretende, também, estabelecer laços de comunicação com outras revistas da mesma natureza. Sua intenção é a de ser uma carta de apresentação para a investigação nietzschiana ante outras comunidades que não falam espanhol. Desse modo responde, de certa maneira, ao crescente interesse pelo pensamento de Nietzsche detectado na Espanha, o que pode ser facilmente comprovado tendo em conta o fato de que cada vez são mais numerosos os investigadores que se dedicam ao estudo da obra de Nietzsche e a enorme relevância que se tem dado a ela no âmbito da filosofia atual. Prova disso é o número de teses de doutorado que foram realizadas nos últimos anos na Espanha, e as cada vez mais numerosas edições e traduções que são feitas das obras de Nietzsche, bem como obras sobre seu pensamento.

A partir do número 2, o conselho editorial decidiu dar à revista um formato temático, a partir do qual se trataria de um tema diferente a cada vez e que fosse fundamental nos estudos atuais sobre Nietzsche. Fazemos uma breve recapitulação desses temas.

O número 2 foi dedicado a Nietzsche e a música, o número 3 ao estudo da relação de Nietzsche com Schopenhauer, o número 4 ao papel da linguagem em seu pensamento, o número 5 à relação de Nietzsche com o romantismo, o número 6 à Nietzsche e o cristianismo, o número 7 ao estudo da relação Nietzsche-Wagner, o número 8 ao papel da ciência em seu pensamento, o número 9 contém os trabalhos apresentados em Valência, em um congresso dedicado a Nietzsche e a hermenêutica, e o número 10 é dedicado à relação de Heidegger com o pensamento de Nietzsche.

Por outro lado, seguindo o espírito que os *Nietzsche-Studien* vêm desenvolvendo e promovendo há trinta e nove anos, e que a SEDEN tomou como um sinal de sua identidade, a favor de uma interpretação histórica e filologicamente fundada da obra nietzschiana, introduz-se uma nova seção, “materiais”, que recolhe trabalhos de caráter mais histórico, crítico-textual ou filológico: contribuições para o estudo das fontes do pensamento nietzschiano (*Quelleforschung*), discussões entre a literatura crítica, notas críticas sobre temas, conceitos ou expressões lingüísticas concretas, contribuições sobre problemas de edição e tradução, relatórios acerca de questões histórico-políticas, sociais e culturais, contribuições a aspectos concretos da biografia de Nietzsche ou de algum dos personagens com os quais ele teve alguma relação em sua vida e, finalmente, relatos bibliográficos sobre temas específicos (que já estavam sendo publicados em nossa revista).

## 6. Os projetos de tradução crítica da SEDEN.

Desde a sua criação, a Sociedade Espanhola de Estudos sobre F. Nietzsche surgiu com o propósito de realizar projetos de ampla projeção no âmbito dos estudos nietzschianos, filosóficos e das ciên-

cias humanas em geral<sup>48</sup>. O primeiro projeto, já realizado, foi o de proporcionar ao público falante do idioma espanhol uma revista especializada dedicada tematicamente ao estudo de Nietzsche, de modo paralelo ao *Nietzsche-Studien*, os *Estudios Nietzsche*. O segundo projeto foi a tradução espanhola dos fragmentos póstumos completos de Nietzsche, e o terceiro o das cartas completas do filósofo, que posteriormente foram estendidos para uma edição completa. Vamos agora repassar ambos projetos, brevemente, tendo em vista que ainda estão em andamento.

O segundo projeto da SEDEN começou com a tradução completa para o espanhol dos *Fragmentos Póstumos* de Nietzsche<sup>49</sup>, escritos entre 1869 e 1889. Essa edição, embora siga o texto estabelecido pela grande edição alemã de Giorgio Colli e Mazzino Montinari, pretende ter critérios próprios de edição seguindo uma metodologia e um plano de trabalho aprovados pela equipe responsável pelo projeto. Em particular, temos levado em consideração todas as correções ao texto original introduzidas pela *Nachbericht* (comentários filológicos). Não é necessário sublinhar a importância dessa edição, pois ante a incontestável relevância cultural do pensamento de Nietzsche e diante do grande interesse que suscita, não havia dúvida sobre a necessidade de dispor de uma edição de seus escritos textualmente fiel e completa em espanhol, edição já existente desde muitos anos nas línguas da cultura européia: francês, italiano, alemão, e inclusive em outras como o japonês. A situação em nosso país, nesse

---

<sup>48</sup> A SEDEN conta com uma página Web muito atualizada e completa: <http://www.uma.es/nietzsche-seden>.

<sup>49</sup> *Fragmentos Póstumos*. Ed. dirigida por D. Sánchez Meca, Madrid: Tecnos, 2006-2009, 4 vol. Acaba de ser publicada uma reedição revisada e atualizada com os últimos resultados dos *Nachbericht* do vol. I.

sentido, deixa bastante a desejar. Até agora se havia contado com boas edições das obras da maturidade publicadas, em especial àquelas que se devem ao trabalho de Andrés Sánchez Pascual. Outros autores vão completando essa tarefa empreendendo a tradução dos escritos também significativos e pertinentes. Como os *Escritos sobre retórica* (ed. de Luis Enrique de Santiago Guervós, Ed. Trotta), *Escritos sobre Wagner* (ed. de Joan B. Llinares, Ed. Biblioteca Nueva), *Humano, demasiado humano* (ed. de M. Barrios y A. Brotons, Ed. Akal), *El culto griego a los dioses* (ed. de Diego Sánchez Meca, Ed. Alderabán), *Sobre verdad y mentira y la Segunda consideración intempestiva* (ed. de Joan B. Llinares, Ed. Península) ou *Schopenhauer como educador* (ed. J. Muñoz, Ed. Biblioteca Nueva). Porém, no que diz respeito aos *Fragmentos póstumos* (cuja amplitude e importância para a compreensão da obra nietzschiana é tão grande quanto a das obras publicadas), encontramos-nos diante de uma carência total de edições minimamente corretas. Na realidade, ainda não se procedeu, todavia, nenhum projeto de edição em espanhol da totalidade desse legado póstumo<sup>50</sup>.

E, na ausência dessa edição crítica dos póstumos, os jovens e estudiosos de nosso país, bem como de toda América latina e, em geral, os falantes de língua espanhola de qualquer parte do mundo, interessados em Nietzsche, têm de recorrer, se não lêem em alemão, ou às traduções em outras línguas ou àquela muito parcial e defeituosa tradução castelhana da insatisfatória, por muitos motivos, edição dos textos póstumos da *Grossoktavausgabe*, levada a termo por Eduardo Ovejero e Maury, em 1925, e publicada em Buenos Aires sob o pomposo título de *obras completas*. É uma edição defeituosa, basicamente pela seleção arbitrária de grande número de fragmentos, pela inexata reprodução da numeração original dos aforismos e

---

<sup>50</sup> Cf. *Estudios Nietzsche*, n. 3, p. 195-198.



por seus contínuos descuidos e erros na decifração dos manuscritos registrados na mesma edição alemã que lhe serviu de base. Esta e outras que a reproduzem na forma de seleção ou antologia carecem de critérios filológicos elementares e foram feitas sem nenhuma pretensão de rigor. Sua única justificação remete ao motivo tão clássico quanto absurdo de permitir uma leitura “acessível e fácil” dos textos de Nietzsche.

A essa tão precária situação a SEDEN buscou fornecer uma solução realizando uma tradução na íntegra dos *Fragments Postumos* a partir das melhores edições alemãs hoje existentes. A equipe de trabalho, coordenada por Diego Sánchez Meca, é formada pelas seguintes pessoas: Joan B. Llinares, Luis Enrique de Santiago Guervós, Juan Luis Vermal, Manuel Barrios, Juan Antonio Rodríguez Tous. Publicada na Editorial Tecnos de 2006 a 2009, é composta por quatro grandes volumes, distribuídos da seguinte maneira:

- 1 – 1869-1874
- 2 – 1875-1882
- 3 – 1882-1885
- 4 – 1885-1889

Acreditamos que, com esse trabalho, foi preenchida uma importante lacuna, colocando à disposição do público de língua espanhola uma edição crítica, fiel e completa do *Nachlass* nietzschiano, já existente há muitos anos em outras línguas importantes da cultura européia. O objetivo é proporcionar os meios (aparato crítico e comentários) estritamente necessários requeridos por uma edição merecedora do nome de crítica, com uma elaboração própria e atualizada da documentação sobre o contexto e o processo de elaboração dos textos, aproveitando a diversa investigação já realizada. Dessa forma, contribui para introduzir possibilidades de

uma maior qualidade e rigor nos trabalhos e estudos que, com tanta frequência, são levados a cabo em nosso país sobre o pensamento de Nietzsche (teses de doutorado, cursos, obras, artigos, debates, etc), dado o permanente interesse que o pensamento e a obra desse pensador seguem despertando na Espanha e em todo âmbito da língua espanhola.

Nos últimos dois anos, este projeto foi ampliado para a edição das *Obras Completas de Nietzsche*. Além dos 4 volumes de fragmentos póstumos, foram incluídos outros 6, distribuídos como segue:

Volume I: *Escritos de juventud*

Volume II: *Escritos filológicos*

Volume III: *Obras de madurez I*

Volume IV: *Obras de madurez II*

Do mesmo modo como se fez com os *Fragmentos Póstumos*, essa edição das obras está guiada pelos mesmos três objetivos básicos: 1) Oferecer uma tradução fiel do texto, vertendo para o espanhol o sentido mais exato possível do texto alemão. Manter, dentro do possível, os recursos estilísticos da língua alemã, mas também privilegiar a qualidade do espanhol para o qual o texto foi traduzido; 2) Elaborar um determinado aparato crítico atualizado e em consonância com as exigências do material que se traduz. Esse aparato crítico tem a função de ir oferecendo a informação precisa relativa aos nomes próprios ou lugares geográficos, referências bibliográficas, aspectos ou observações a ter-se em consideração para a contextualização do tema tratado, etc.; 3) Fornecer as introduções necessárias para traçar o contexto no qual os escritos ou obras se situam, tanto a partir do ponto de vista filosófico como filológico, a fim de permitir ao leitor seguir a evolução na qual cada uma delas é concebida e inserida. Esta informação deverá ser complementada, no futuro, com índices e comentários mais amplos, tanto

sobre os problemas filológico-textuais como filosóficos das obras, que recolham de uma forma mais detalhada o contexto, o processo de elaboração e os problemas de interpretação que apresentam, aproveitando a abundante pesquisa que as diversas equipes de investigação internacional trouxeram a esse respeito, assim com a valiosa informação reunida nos *Nachberichte*, que formam parte da *KGW*, e no volume 14 da *KSA*.

As traduções são baseadas nos textos estabelecidos, a partir dos manuscritos, por Giorgio Colli eazzino Montinari em suas edições *KGW* e *KSA*, disponíveis em seu formato atualizado hoje no site [www.nietzschesource.org](http://www.nietzschesource.org), atualmente dirigido pelo professor Paolo D'Iorio. Esta nova edição digital da *KGW*, identificada nesta versão eletrônica como *eKGWB*, incorpora já em seus textos as correções filológicas espalhadas pelos diferentes volumes complementares do aparato crítico que acompanha a edição impressa.

A equipe de tradutores é formada pelos mesmos professores especialistas que trabalharam na edição dos Fragmentos Póstumos, reunidos no quadro da *Sociedad Española de Estudios sobre Nietzsche* (SEDEN), e que tem mantido e mantém, há muitos anos, uma estreita e prolongada colaboração, como atestam os projetos de I+D dos que, como grupo de investigação, vêm desfrutando, assim, das numerosas publicações conjuntas surgidas nos últimos anos. A produção filosófica dos membros dessa equipe está, em grande parte, em consonância com a tarefa central desta edição, pois todos eles se ocuparam com trabalhos e investigações realizadas em conexão com a edição de textos de Nietzsche, assim como relativos à discussão e interpretação de seu pensamento. A diversidade de aspectos que o presente trabalho de edição tem implicado (tradução, trabalho filológico-textual sobre os textos, aparato crítico, etc.) mantém correspondência, também, com a diversidade de linhas de investigação que os membros integrantes possuem, pluralidade que tem enriquecido a forte coesão entre eles.

O terceiro projeto da SEDEN é realizar uma tradução rigorosa e científica das cartas de Nietzsche em espanhol. O diretor do projeto e seu idealizador é Luis E. Santiago Guervós, o qual em seguida foi aceito com entusiasmo pela editora Trotta para ser publicado o mais breve possível<sup>51</sup>. A edição em espanhol é apenas do *Epistolário* de Nietzsche, isto é, contém somente as cartas que Nietzsche escreveu, ou seja, as cartas *de* Nietzsche, e não as cartas *a* Nietzsche escritas por seus amigos, familiares etc, e que se encontram publicadas na KGB. Por essa razão, temos seguido, atendendo a critérios práticos, a edição que foi preparada pelos editores G. Colli e M. Montinari em 8 volumes, publicada em 1986, sob o título de *Friedrich Nietzsche. Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe Herasugegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari*. Berlín/New York: Walter de Gruyter, 1986, 2003 (KSB)<sup>2</sup>. Esta edição, no que diz respeito as cartas *de* Nietzsche, coincide literalmente, inclusive até as páginas, com a edição completa KGB. Desta maneira, as duas edições correspondem do seguinte modo:

KSB 1: junho 1850 – setembro 1864 = KGB I/1 (até p. 297)

KSB 2: setembro 1864 – abril 1869 = KGB I/2

KSB 3: abril 1869 – maio 1872 = KGB II/1

KSB 4: maio 1872 – dezembro 1874 = KGB II/3

KSB 5: janeiro 1875 – dezembro 1879 = KGB II/5

KSB 6: janeiro 1880 – dezembro 1884 = KGB III/1

KSB 7: janeiro 1885 – dezembro 1886 = KGB III/3

KSB 8: janeiro 1887 – janeiro 1889 = KGB III/5

---

<sup>51</sup> *Correspondencia*. Edição dirigida por L. E. de Santiago Guervós, Madrid: Trotta, 2005 e ss., 6 vol. Até agora foram publicados os vols. I-IV.

Partindo de ambas edições, a *edição espanhola* é apresentada em seis volumes, tendo em conta períodos mais amplos, que se correspondem do seguinte modo com a KSB:

Volume 1: Junho 1850 – abril 1869 – KSB 1 e 2

Volume 2: abril 1869 – dezembro 1874 – KSB 3 e 4

Volume 3: janeiro 1875 – dezembro 1879 – maio KSB

Volume 4: janeiro 1880 – dezembro 1884 – KSB junho

Volume 5: janeiro 1885 – 23 de Outubro de 1887 – KSB 7 e 8

Volume 6: 23 de outubro de 1887 – Janeiro 1889 – KGB 8

O último volume incluirá, além das cartas correspondentes ao último período e dos índices, uma série de anexos entre os quais figuram os escritos autobiográficos de Nietzsche, que complementam biograficamente o corpo das cartas, e um currículo no qual se inclui o conjunto de suas composições musicais, artigos e obras. O primeiro volume foi publicado em 2005 e, até este momento, tem-se publicado por ordem, até o quarto volume inclusive, estando o quinto já em preparação<sup>52</sup>.

A tradução está sendo realizada por diferentes estudiosos da obra de Nietzsche: Luis E. de Santiago Guervós, José Manuel Romero Cuevas, Marco Parmeggiani, Andrés Rubio, Joan B. Llinares y Juan Luis Vermal.

O epistolário de Nietzsche tem um valor inestimável para elaborar o perfil biográfico de sua personalidade. E isto por varias razões. Primeiro, porque muitas das ideias de Nietzsche encontram, no epistolário, o seu lugar vital, e muitas vezes nos permitem estabelecer as chaves de interpretação para os seus próprios textos. Ao mesmo tempo, facilita-nos o conhecimento da situação cultural e social da

---

<sup>52</sup> Cf. *Estudios Nietzsche*, n. 4, 2004, p. 241-244 e n. 5, 2005, p. 187-192.

Alemanha dessa época, a reação de Nietzsche frente a determinados acontecimentos, a relação com seu entorno, etc. Esta valiosa documentação proporciona aos estudiosos dados decisivos para desmistificar a imagem de Nietzsche, bem como um material necessário e adequado para chegarmos a ter um conhecimento crítico de sua vida e de seu tempo. Também ajuda-nos a conhecer seus interlocutores, entre os quais nós encontramos familiares, amigos, professores, mas acima de tudo amigos, aqueles que o acompanharam em determinados momentos importantes de sua trajetória intelectual e com os quais compartilhou suas inquietações e aspirações.

Como correspondência de Nietzsche os editores incluem, além das cartas, também postais, telegramas, dedicatórias, comunicações em fichas, desenhos, planos de carta, esquemas. Tudo aquilo que, de uma maneira efetiva, relaciona-se com um meio de comunicação escrito e dirigido a um determinado destinatário. Na edição espanhola somente se publicaram as cartas *de* Nietzsche, e não as cartas *a* Nietzsche, recolhidas também pela edição alemã, embora se tenham levado em consideração as notas. A edição crítica alemã é, atualmente, a única que contém o epistolário completo e os volumes complementares (*Nachbericht*).

As cartas de Nietzsche têm um interesse tanto filosófico quanto literário. Nelas encontramos dados de sumo interesse sobre a origem e a elaboração de seus escritos e sobre planos futuros, alguns realizados e outros convertidos em meros projetos. De grande utilidade são as datas sobre a publicação de seus trabalhos e o decurso de sua elaboração, a correção das provas, impressão, etc. Nelas aparecem os primeiros vislumbres de suas ideias filosóficas, ideias que Nietzsche contrasta a maioria das vezes com amigos ou conhecidos ou com seus professores do primeiro período. Desde o ponto de vista literário, pode-se apreciar nelas, de uma maneira clara, a evolução de seu *estilo*, a importância que tem para Nietzsche ter um bom estilo. Isso nos leva, fundamentalmente, a considerar

as peculiaridades literárias de sua correspondência. As cartas de Nietzsche são o resultado de verdadeiros *processos literários*. Ele elaborava um rascunho antes de escrever, com as ideias a desenvolver de maneira que a redação definitiva possa ser considerada como o final de um longo caminho. Podemos assegurar, então, que a carta final é quase sempre a cópia de algum rascunho na qual podem ser apreciados traços que chamam a atenção, sem riscar nem alterar nada, apesar de que é bem conhecido o caráter notavelmente impulsivo de Nietzsche.

Quantos fragmentos de carta – confessa o próprio Nietzsche – encontro entre meus papéis, alguns de página inteira, outros apenas contêm um cabeçalho simples; mas nenhum terminado, porque a grande quantidade de trabalho que tenho e os numerosos acontecimentos me obrigam de novo a riscar a página interrompida e não tenho nenhuma vontade de falar-te de coisas e sentimentos obsoletos (vol. I, carta n. 554).

Devemos também ter em conta que, na época em que vive, o material epistolar nem sempre era o suficientemente apropriado. Nietzsche se queixa muitas vezes da tinta, do mau estado das penas, da falta de papel, etc. Tudo isso provocou, não poucas vezes, a ira do próprio Nietzsche, e mais de uma vez a interrupção de uma carta, convertida em um conjunto de rasuras. Por outro lado, Nietzsche sempre gostou de dar uma forma artística não somente a uma simples notícia, mas também aos seus próprios sentimentos. Ele mesmo nos conta o zelo que colocava em “dar brilho às cores, e, em geral, o esforço que faço para escrever em um estilo aceitável” (vol. I, carta nº 549). Por isso uma carta de Nietzsche tem sempre algo de “artesanal”, supõe um esforço que se assemelha a uma pedra que cai em nossa vida psíquica e do círculo pequeno surgem outros muito maiores.

O epistolário é, também, o melhor testemunho, não somente para elaborar um quadro cronológico de sua vida, mas especialmente para apreciar os seus sentimentos mais profundos e sua natureza humana, suas experiências vitais mais íntimas. As vezes contrasta a dureza de seus escritos com a extrema sensibilidade de sua reação frente a determinados acontecimentos. Mas desde suas primeiras cartas, nas quais se manifestam seus sentimentos familiares e religiosos à flor da pele, até as últimas, sempre se constituem verdadeiros lampejos de solidão. De fato, esses momentos íntimos, nos quais se comunicava com o exterior e rompia por um momento sua voluntária solidão, são o testemunho mais valioso que suas cartas deixaram para nós.

**Abstract:** This article aims to retrace Nietzsche's philosophy in Spain, in particular from the 1970's on. This way, on the one hand, it focuses on the initial moment when the scientific academic research on Nietzschean thought established in Spain, above all, and, on the other hand, it also focuses on the current developments of this research until nowadays.

**Keywords:** Nietzsche – Spain – reception – “critical history”.

## referências bibliográficas

1. ÁVILA CRESPO, R. *Nietzsche y la redención del azar*. Granada: Universidad de Granada, 1986.
2. ———. *Identidad y tragedia: Nietzsche y la fragmentación del sujeto*. Barcelona: Crítica, 1999.



3. ———. *El desafío del nihilismo*. Madrid: Trotta, 2005.
4. BARRIOS CASARES, M. *La voluntad de poder como amor*. Barcelona: Serbal, 1990 (reed., Madrid: Arena Libros, 2006).
5. ———. *Voluntad de lo trágico. El concepto nietzschiano de voluntad a partir de «El nacimiento de la tragedia»*. Sevilla: Er. Revista de filosofía, 1993 (Madrid: Biblioteca Nueva, 2002).
6. ———. *Narrar el abismo. Ensayo sobre Nietzsche, Hölderlin y la disolución del clasicismo*. Valencia: Pre-Textos, 2001.
7. BURGOS, E. *Dioniso en la filosofía del joven Nietzsche*. Universidad de Zaragoza, 1993.
8. CANO, G. *Como un ángel frío: Nietzsche y el cuidado de la libertad*. Valencia: Pretextos, 2000.
9. ———. *Nietzsche y la crítica de la modernidad*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2001.
10. CONILL, J. *El poder de la mentira. Nietzsche y la política de la transvaloración*. Madrid: Tecnos, 1997.
11. ESTEBAN EGUITA, J. E. Y QUESADA, J. (ed.) *Política, historia y verdad en la obra de F. Nietzsche*. Madrid: Huerga y Fierro Editores, 2000.
12. ———. *El joven Nietzsche, Política y Tragedia*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2004.
13. HERNÁNDEZ-PACHECO, J. *Nietzsche: estudio sobre vida y trascendencia*. Barcelona: Herder, 1990.
14. IZQUIERDO SÁNCHEZ, A. *Friedrich Nietzsche*. Madrid: Edaf, 2001.

15. JARA, J. *Nietzsche, un pensador póstumo: el cuerpo como centro de gravedad*. Barcelona: Anthropos, 1988.
16. JIMÉNEZ MORENO, L. *Nietzsche*. Barcelona: Labor, 1972.
17. ———. *Hombre, Historia y Cultura. Desde la ruptura innovadora de Nietzsche*. Madrid: Espasa-Calpe, 1983.
18. ———. *El pensamiento de Nietzsche*. Madrid: Cincel, 1987.
19. LLINARES, J. B. (ed.) *Nietzsche, 100 años después*. Valencia: Pre-Textos, 2002.
20. LÓPEZ CASTELLÓ, E. (ed.) *Nietzsche bifronte*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2005.
21. ———. *Leyendo a Nietzsche*. Madrid: UAM, 2008.
22. LYNCH, E. *Dioniso dormido sobre un tigre. A través de Nietzsche y su teoría del lenguaje*. Barcelona: Destino, 1993.
23. MOREY, M. *Friedrich Nietzsche, una biografía*. Barcelona: Archipiélago, 1993.
24. PARMEGGIANI, M. *Nietzsche: Crítica y proyecto desde el nihilismo*. Málaga: Ágora, 2002.
25. ———. *Perspectivismo y subjetividad en Nietzsche*. Málaga: Analecta Malacitana, 2002.
26. PÉREZ MASEDA, E. *Música como idea, música como destino: Wagner – Nietzsche*. Madrid: Tecnos, 1993 (Madrid: Biblioteca Nueva, 2004).
27. QUESADA, J. *Un pensamiento intempestivo: Ontología, estética y política en F. Nietzsche*. Barcelona: Anthropos, 1988.

28. RUIZ CALLEJÓN, E. *Nietzsche y la filosofía práctica: la moral aristocrática como búsqueda de la salud*. Universidad de Granada, 2004.
29. SANCHEZ MECA, D. *En torno al superhombre: Nietzsche y la crisis de la modernidad*. Barcelona: Anthropos, 1989.
30. ———. *Nietzsche. La experiencia dionisíaca del mundo*. Madrid: Tecnos, 2005 (2009).
31. SANTIAGO GUERVÓS, L. E. DE. *Arte y Poder: Aproximación a la estética de Nietzsche*. Madrid: Trotta, 2004.
32. SAVATER, F. (ed.). *Friedrich Nietzsche: Inventario*. Madrid: Taururs, 1973.
33. ———. *Conocer a Nietzsche y su obra*. Dopesa, 1977.
34. SOBEJANO, G. *Nietzsche en España*. Madrid: Gredos, 1967 (2009).
35. SUANCES MARCOS, M. *Friedrich Nietzsche: crítica de la cultura occidental*. Madrid: UNED, 1993.
36. TRÍAS, E., SAVATER, F., NORIEGA, S. G., FERNÁNDEZ-FLOREZ, P. GONZÁLEZ, A., BARCE, R., ECHEVERRÍA, J., SÁNCHEZ PASCUAL, A. (orgs.). *En favor de Nietzsche*. Madrid: Taurus, 1972.
37. VALVERDE, J. M. *Nietzsche, de filólogo a anticristo*. Madrid: Planeta, 1994.
38. VERMAL, J. L. *La crítica de la metafísica en Nietzsche*. Barcelona: Anthropos, 1987.

Artigo recebido em 05/02/2011.

Artigo aceito para publicação em 04/03/2011.